



UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO FUNDAMENTOS DA EDUCAÇÃO: PRÁTICAS
PEDAGÓGICAS INTERDISCIPLINARES

SARA CAROLINA MIGUEL DE SOUSA

AVALIAÇÃO NO CONTEXTO DAS NOVAS PRÁTICAS PEDAGÓGICAS NA
EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS DA CIDADE DE APARECIDA – PB

SOUSA – PB
2014

SARA CAROLINA MIGUEL DE SOUSA

**AVALIAÇÃO NO CONTEXTO DAS NOVAS PRÁTICAS PEDAGÓGICAS NA
EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS NA CIDADE DE APARECIDA – PB**

Monografia apresentada ao Curso de Especialização em Fundamentos da Educação: Práticas Pedagógicas Interdisciplinares da Universidade Estadual da Paraíba em parceria com Escola de Serviço Público do Governo do Estado da Paraíba, em cumprimento à exigência para obtenção do Grau de Especialista em Educação.

Orientador: Prof. Dr. Marcos Barros

É expressamente proibida a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano da dissertação.

S725a Sousa, Sara Carolina Miguel de
Avaliação no contexto das novas práticas
pedagógicas na educação de jovens e adultos da
cidade de Aparecida-PB [manuscrito] / Sara Carolina
Miguel de Sousa. - 2014.
57 p. : il. color.

Digitado.

Monografia (Especialização em Fundamentos da
Educação: Práticas Pedagógicas Interdisciplinares) -
Universidade Estadual da Paraíba, Pró-Reitoria de Ensino
Médio, Técnico e Educação à Distância, 2014.

"Orientação: Prof. Marcos Barros, Departamento de Física".

1. Educação de Jovens e Adultos. 2. Leitura. 4.
Gêneros Textuais. I. Título.

21. ed. CDD 374

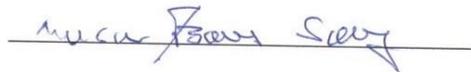
SARA CAROLINA MIGUEL DE SOUSA

**AVALIAÇÃO NO CONTEXTO DAS NOVAS PRÁTICAS PEDAGÓGICAS NA
EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS DA CIDADE DE APARECIDA-PB**

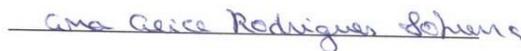
Monografia apresentada ao Curso de Especialização em Fundamentos da Educação: Práticas Pedagógicas Interdisciplinares da Universidade Estadual da Paraíba, em convênio com Escola de Serviço Público do Estado da Paraíba, em cumprimento à exigência para obtenção do Grau de Especialista em Educação.

Aprovado em: ____ / ____ / ____

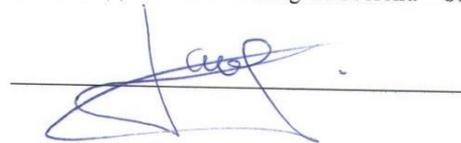
BANCA EXAMINDORA



Dr. Marcos Barros
Orientador - UEPB



Examinador (a) Ana Alice Rodrigues Sobreira – UEPB



Examinador (a) Francisco Alves Batista – UEPB

Dedico exclusivamente, aos dois homens que mais amo – Maicon Andreson Feliciano de Brito, meu marido; e Pedro Miguel de Sousa Brito, meu primeiro filho que foi gerado durante o curso de especialização e hoje está aqui comigo me dando muitas alegrias. Pois foi um ano muito difícil, porém consegui concluir mesmo estando grávida e tendo uma gravidez complicada. Por isso dedico ao meu pequeno filho, pois é por ele que eu pretendo continuar minha carreira buscando a cada dia conhecimento e sabedoria para crescer profissionalmente.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente, agradeço a Deus, pois é a fonte de nossa existência. É Ele quem determina tudo em nossas vidas. Agradeço também a toda minha família: meu pai: Manoel Miguel, minha mãe: Josefa Carolina e meu irmão: Samuel Miguel, eles nunca me deixaram desistir e sempre me apoiaram e me apoiam sem contestar.

Agradeço ao meu marido, Maicon que é amigo, companheiro, parceiro e confiante. Ele está sempre ao meu lado. Desde a minha graduação que o tenho me dando as forças necessárias para continuar o meu sonho.

Aos meus professores que durante todo o curso tratou de me instruir e aumentar minha vontade de continuar no meio acadêmico.

Meus colegas Francisquinha, Daguia, Reynaldo e Mabel que me fizeram companhia durante a ida e vinda do curso de especialização.

Enfim agradeço ao meu orientador professor Dr. Marcos Barros que me ajudou a elaborar essa manografia.

RESUMO

A Educação de Jovens e Adultos (EJA) é uma modalidade específica da Educação Básica que se propõe atender um público ao qual foi negado o direito à educação durante a infância e, ou adolescência seja pela oferta irregular de vagas, seja pelas inadequações do sistema de ensino ou pelas condições socioeconômicas desfavoráveis. São sujeitos sociais e culturais, marginalizadas nas esferas socioeconômicas e educacionais, privados do acesso à cultura letrada e aos bens culturais e sociais, comprometendo sua participação mais ativa no mundo do trabalho, da política e da cultura. Entretanto, este público apresenta uma semelhança: pouco tempo para se dedicar aos estudos fora da sala de aula por motivos sociais e econômicos. Sendo assim, parte significativa desses alunos não possui o hábito de leitura. Trabalhar os diversos gêneros textuais, particularmente os poemas, ganhou espaço na sala de aula como prática didático-pedagógica que tenta suprir algumas necessidades e deficiências na leitura dos alunos da Educação de Jovens e Adultos, em busca de melhorar a qualidade do ensino de leitura e proporcionar maior interação com o universo letrado. O objetivo desse trabalho foi incentivar às práticas de leitura e escrita na EJA da Escola Estadual de Ensino Fundamental II e Médio na cidade de Aparecida através do conhecimento e valorização do gênero textual poesia que propiciem, aos alunos, conhecimentos sobre os usos e funções sociais dessa prática. Podemos concluir que o desenvolvimento e interesse por hábitos permanentes de leitura é um processo constante que pode começar na família, na rua, na comunidade e que pode se aperfeiçoar na escola continuando por toda a vida, em diversos espaços sociais. Para que isso aconteça é necessário que o ambiente da sala de aula faça do momento de leitura uma constante e que essa constância tenha relação direta com o que os alunos já sabem, já dominam, já vivenciam, causando neles uma maior confiança e mais credibilidade nas suas potencialidades de aprendizagem e que, essa situação já dominante e que serve como ponto de partida, seja capaz de aumentar e intensificar sua aprendizagem, preparando-o cada vez mais atuar no meio social ao qual esteja vinculado e no qual deseja alcançar.

PALAVRAS- CHAVES: Educação – EJA – Leitura – Gêneros textuais.

ABSTRACT

Educating Youth and Adults (EJA) is a specific Basic Education which proposes a public meet modality which has been denied the right to education during childhood and adolescence is the irregular or of vacancies, either by inadequacies of the system education or by unfavorable socio-economic conditions. Are social and cultural subjects, marginalized in socio-economic and educational, deprived of access to literacy and the cultural and social spheres goods, compromising their more active participation in the work world, politics and culture. However, this audience has a resemblance: little time to devote to their studies outside the classroom for social and economic reasons. Thus, a significant portion of these students do not have the habit of reading. Working the various textual genres, particularly poetry, gained space in the classroom as a teaching and pedagogical practice that attempts to fill some needs and disabilities in reading of the Youth and Adult Education, striving to improve the quality of teaching reading and provide greater interaction with the literate universe. The aim was to encourage the practice of reading and writing in adult education from the State School and Secondary School East in the city of Aparecida through knowledge and appreciation of genre poetry conducive, students, knowledge about the uses and functions of social practice. We conclude that the development and permanent interest in reading habits is a constant process that can start in the family, the street, the community and that can improve the school continues throughout life, in different social spaces. For this to happen it is necessary that the environment of the classroom make the time to read a constant and that this constant is directly related to what students already know, already mastered, experience already, causing them greater confidence and more credibility in their learning capabilities and that this already dominant position and which serves as a starting point, be able to increase and enhance their learning, preparing it increasingly act in the social environment to which it is bound and which want to achieve.

KEYWORDS: Education – EJA – Reading – Genres textual.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	9
1 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	12
1.1 A EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS.....	12
1.2 PERSPECTIVA DE PAULO FREIRE.....	14
1.3 O PROCESSO DE LEITURA E ESCRITA NO EJA.....	16
1.4 GÊNEROS TEXTUAIS E ENSINO.....	21
1.5 A LEITURA DE POEMAS NA SALA DE AULA.....	23
2 METODOLOGIA	27
2.1 CARACTERÍSTICA DA INSTITUIÇÃO ESCOLAR.....	27
2.2 UNIVERSO E ESTRATÉGIA DA PESQUISA.....	28
3 APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS RESULTADOS	30
3.1 CARACTERIZAÇÃO E DIAGNÓSTICO DAS TURMAS.....	30
3.2 TRABALHO DE LEITURA.....	37
3.2.1 Primeira oficina: Introdução da metodologia e leitura de poemas.....	38
3.2.2 Segunda oficina: Concurso de leitura.....	39
3.2.3 Terceira oficina: Características e estrutura dos poemas; escrita de poemas.....	41
3.2.4 Quarta oficina: Análise e escrita do filme: “De porta em porta”	43
3.2.5 Quinta oficina: Criação de poemas.....	43
CONSIDERAÇÕES FINAIS	46
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	49
APÊNDICE	51
ANEXO	58

INTRODUÇÃO

Como professora da Área de Língua Portuguesa da Rede Pública de ensino na Escola Estadual de Ensino Fundamental II e Médio na cidade de Aparecida percebi a dificuldade dos alunos da Educação de Jovens e Adultos nas práticas de leitura e escrita que devem ser investigadas com mais atenção, por se referir a uma ação educativa que é dirigida a alunos que possuem uma escolarização básica incompleta e que teve sua trajetória escolar interrompida, contribuindo de certa forma para a sua exclusão social e cultural. Eles veem na escola uma esperança de reintegrar-se ao sistema social e poder garantir ou ingressar no mundo do trabalho.

No entanto não é preciso pesquisar muito para saber que os jovens, em sua grande maioria, ainda não descobriram o verdadeiro gosto pela leitura e a importância desta em suas vidas. É importante salientar, o quanto à falta de leitura tem deixado nossos jovens pouco qualificados para concorrer às vagas que são oferecidas no mercado de trabalho, bem como a dificuldade que os mesmos têm em concluir seus estudos, pois quando não se tem uma leitura reflexiva sentem-se muitas dificuldades em entender e acompanhar as diversas disciplinas do currículo, isto os faz repetir uma série por várias vezes, levando-os a desistência.

Nós, professores da EJA, temos grande missão e responsabilidade de trabalhar metodologias de leitura e escrita desses alunos para que eles tenham certo domínio linguístico para sua participação social efetiva, comunicando-se, expressando-se defendendo pontos de vista, produzindo conhecimentos e saberes linguísticos necessários para o exercício da sua cidadania. Desta forma, percebe-se a necessidade da exploração, análise e criação dos mais variados tipos de textos, levando em conta sempre a leitura e a escrita como processos que se complementam.

Nesse sentido é necessário que a escola busque formas eficientes de salvaguardar a permanência desse aluno. Para isso é que se tem apontado para a ludicidade e o dinamismo das aulas. No caso específico do ensino de Língua Portuguesa isso se faz não só necessário, mas urgente. Uma possibilidade que converge para o ensino significativo e dinâmico da língua é o trabalho com a diversidade textual.

Sabemos que em nossa cultura, o papel de principal agência de letramento é atribuído à escola, porém essa instituição ainda ensaia um projeto pedagógico que contemple, de fato, as práticas sociais da leitura e escrita. Para que tal projeto se firme, é preciso abordar efetivamente as diversidades de gêneros existentes, o que vai de além de apenas expor aos

alunos a essa variedade de material textual. Nesse sentido, a escola teria a meta de ampliar a construção dos conhecimentos sobre as práticas sócias de que os gêneros são parte.

O estudo com a diversidade textual é uma realidade urgente a todos os falantes de uma língua, ou seja, em quais circunstâncias estamos em contato com gêneros textuais variados, que cumprem funções sócio-comunicativas específicas. O trabalho com gêneros textuais contribuirá satisfatoriamente para aprendizagem dos alunos no sentido de conhecer e também desenvolver a habilidade oral e escrita através da diversidade de textos e que ao mesmo tempo trabalharemos com a diversidade textual que auxiliará o aluno no desenvolvimento do seu pensamento crítico em relação à temática do texto. Esse projeto romperá com certas práticas escolares que insistem em abordar de forma limitada produções textuais apenas pontuais, e às vezes como cumprimento de horário.

É necessário se criar condições favoráveis para que o aluno desenvolva sua competência discursiva, através do reconhecimento da diversidade de gêneros textuais sendo capazes de refletir criticamente acerca dos tipos textuais ampliando sua leitura de mundo, garantindo assim, uma aprendizagem efetiva.

Para fins desse projeto, entende-se por diversidade textual todo o conjunto de produção linguística de caráter escrito e oral que circular no meio social onde o indivíduo está inserido. Os gêneros textuais constituem meios de adequação de determinadas conhecimentos às necessidades humanas. Vale salientar, sobretudo, que o processo de execução deste projeto limita-se a trabalhar com os gêneros primários, que são aqueles referentes aos contextos da vida cotidiana e que segundo Carlos Alberto Faraco, no texto “língua e diálogo” (2003, p.112) “trata-se dos gêneros da conversa familiar, das narrativas espontâneas, das atividades efêmeras do cotidiano”.

De acordo com os PCNS de língua portuguesa, a forma como se diz alguma coisa a alguém, do contexto ou as circunstâncias, determinam as escolhas do gênero em que o discurso se realiza. Propõe ao professor a necessidade de se criar condições favoráveis para que o aluno desenvolva sua competência discursiva, através do reconhecimento da diversidade de gêneros textuais, sendo capazes de refletir criticamente acerca dos tipos textuais, ampliando sua leitura de mundo, garantindo assim, uma aprendizagem efetiva.

No caso da Educação de Jovens e Adultos há que se destacar não só a atenção à ludicidade e ao dinamismo das aulas de língua portuguesa pautados no uso de diversos gêneros textuais, mas também que se dê especial enfoque para aqueles gêneros que estão mais próximos do aluno. Aqueles que eles têm acesso e faz uso com maior frequência. Acreditamos que o poema é um gênero interessante de se desenvolver o processo de leitura e

escrita na EJA, pois se trata de um texto diferente, feito em versos com rima e melodias... e de uma beleza e riqueza incomparáveis. O poema mexe com sentimentos e emoções, ativa a imaginação do leitor e instiga-o a querer ler e escrever mais e mais além de desenvolver sua capacidade de criação literária.

Diante do exposto, o trabalho teve como objetivo geral, incentivar às práticas de leitura e escrita na EJA da Escola Estadual de Ensino Fundamental II e Médio Dr. José Gadelha na cidade de Aparecida através do conhecimento e valorização do gênero textual poesia que propiciem, aos alunos, conhecimentos sobre os usos e funções sociais dessa prática e como objetivos específicos:

- Desenvolver o prazer pela leitura e pela escrita através da poesia;
- Desenvolver a imaginação e a criatividade na construção de poemas;
- Valorizar a arte e a cultura popular brasileira;
- Interpretar, ler e recitar poemas.

A monografia está organizada em tópicos, iniciando-se com um referencial teórico onde foram descritos os principais estudos relativos à Educação de Jovens e Adultos enfocando a perspectiva de Paulo Freire; como ocorre o processo de leitura e escrita nessa modalidade de ensino e a importância do uso dos gêneros textuais, especialmente a poesia, como facilitador dessa aprendizagem. Enfocamos a importância da leitura no desenvolvimento intelectual do indivíduo e na aquisição do conhecimento, porque ela modifica, transforma e amplia a visão das ideias, das palavras, fazendo com que o leitor chegue a sua realização humana.

O segundo tópico, a metodologia apresenta o delineamento da pesquisa, sendo descritos os objetivos, a caracterização dos participantes, os instrumentos e o método empregado para coleta de dados e realização da pesquisa. Seguem a análise dos resultados e posteriormente as considerações finais. Espera-se com isso, trazer uma contribuição de melhorar a leitura e escrita na EJA e possibilitar conhecimentos que favoreçam ações que visem o progresso dessa modalidade escolar no nosso país.

1 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

1.1 A EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS

A educação é um processo dinâmico que deve percorrer toda a vida intelectual e profissional de um indivíduo. A sua efetivação ocorre por caminhos mais diversos, produzindo resultados também distintos. Reforçando o conceito de educação, podemos refletir acerca das proposições de Regina Célia (2003, p.11).

A educação é uma manifestação da cultura e depende do contexto histórico e social em que está inserida. Seus fins variam, portanto, com as épocas e as sociedades. Não há grupo humano, por mais rudimentar que seja sua cultura, que não empreenda esforços, de um ou de outro tipo, para educar suas crianças e seus jovens (...) a educação, como fato social, possibilita que as aquisições culturais do grupo sejam transmitidas às novas gerações.

A Educação de Jovens e Adultos (EJA) é uma modalidade específica da Educação Básica que se propõe atender a um público ao qual foi negado o direito à educação durante a infância e, ou adolescência seja pela oferta irregular de vagas, seja pelas inadequações do sistema de ensino ou pelas condições socioeconômicas desfavoráveis.

É fundamental refletir sobre o público da EJA, suas características e especificidades, tal reflexão servirá de base para a elaboração de propostas pedagógicas específicas para atender as suas necessidades.

A EJA é uma temática que se estabelece voltada a um público específico, composto de jovens ou adultos trabalhadores ou filhos de trabalhadores com baixo nível de instrução escolar, com uma história de vida ligada a ocupações profissionais não qualificadas, urbanas ou rurais, com passagem curta e não sistemática pela escola. (OLIVEIRA, 2001, p.15-16).

São homens e mulheres, trabalhadores (as), empregados (as) e desempregados (as) ou em busca do primeiro emprego, filhos, pais e mães, moradores urbanos de periferias, favelas e

vilas. São sujeitos sociais e culturais, marginalizadas nas esferas socioeconômicas e educacionais, privados do acesso à cultura letrada e aos bens culturais e sociais, comprometendo uma participação mais ativa no mundo do trabalho, da política e da cultura. Vivem no mundo urbano, industrializado, burocratizado e escolarizado, em geral trabalhando em ocupações não qualificadas. Trazem a marca da exclusão social, mas são sujeitos do tempo presente e do tempo futuro.

Muitos nunca faltam à escola ou dela tiveram que se afastar, quando crianças, em função da entrada precoce no mercado de trabalho, ou mesmo por falta de escolas. Jovens e adultos que quando retornam a escola ou fazem guiados pelo desejo de melhorar de vida ou por exigências ligadas do mundo do trabalho. “São sujeitos de direitos, trabalhadores que participam concretamente da garantia de sobrevivência do grupo familiar ao qual pertencem.” (BRASIL, 2002).

O adulto ou jovem, em razão da consciência que possui sobre o mundo que o rodeia passa a identificar em si a necessidade de educação, uma vez que lhe permita obter os conhecimentos ou habilidades que julgue necessários para a concretização de seus objetivos.

Hoje se cobra das pessoas qualificação e efetividade dos conhecimentos em determinados campo do saber e, boa parte desse conhecimento e das competências exigidas do individuo é decorrente da formação escolar. Essa realidade fez com que a escola passasse a ser um desejo de todos, independentemente de realidades geográficas, gênero, idade ou classe social da qual a pessoa faz parte.

“Para o jovem e para o adulto a escola passou a representar a possibilidade de aquisição de conhecimentos capazes de os levarem a uma melhoria de emprego e da própria autoestima.” (BRASIL, 1999, p.42-43).

Entretanto, ainda hoje, o Brasil enfrenta problemas educacionais, como por exemplo, a exclusão social. A educação de EJA é marcada pela descontinuidade, de políticas públicas insuficientes para garantir o cumprimento do direito à educação de qualidade, nos termos estabelecidos pela Constituição Federal.

Grandes transformações econômicas do mundo contemporâneo estão exigindo sujeitos cada vez mais qualificados, a educação impõe-se e possibilita ao individuo desenvolver habilidades e um nível técnico e profissional mais qualificado.

Embora os investimentos em educação aumentem constantemente, ainda há muito que fazer em termos de educação de jovens e adultos em nosso país. Com uma realidade repleta de injustiças e exclusões as possibilidades desses alunos estarem inseridas na escola na idade adequada muitas vezes são reduzidas.

As causas variam desde a própria necessidade de que a criança ou adolescente auxilie com algum tipo de trabalho a aumentar renda familiar, até a desestruturação da família e a falta de condições de incentivo a continuação dos estudos.

Portanto, garantir a esses alunos a entrada ao mundo letrado é garantir o processo de libertação de indivíduos. É conceder a cada indivíduo a possibilidade de livrar-se do “jogo”, da submissão e poder atuar como sujeito de sua própria história. Cada indivíduo passa a assumir as suas decisões e o resultado das mesmas determinando que tipo de sociedade deseje ajudar a construir.

“E, portanto, fundamental que uma política voltada para a EJA contemple a elevação da escolaridade com profissionalização no sentido de contribuir para a integração social desse grande contingente de cidadãos, cercados de direito de concluir a educação básica e de ter acesso a uma formação profissional de qualidade” (BRASIL, 2006).

1.2 PERSPECTIVA DE PAULO FREIRE

Todos os educadores que trabalham com o universo complexo dos alunos jovens e adultos sentem a necessidade de buscar orientações metodológicas adequadas às necessidades educacionais enfrentadas no âmbito escolar. É a partir dessa realidade que destacamos a contribuição do educador brasileiro Paulo Freire, em suas diversas obras, que deu início a um belo movimento de educação de adultos que com suas concepções inovadoras para o processo de ensinar e aprender trouxe ganhos relevantes para a formação dos educadores, dos educandos e dos movimentos sociais e populares.

Paulo Freire é tido como professor e criador de um método de ensino para a Educação de Jovens e Adultos. Com uma visão solidária ao outro, preocupava-se com a vida dos massacrados pelo sistema, marcados pelas injustiças, exclusões e discriminação.

Na proposta freiriana, o aluno apresenta-se como sujeito do processo educativo e não objeto e pode organizar sua própria aprendizagem orientada pelo professor através de um processo interativo e atividades referentes à sua realidade.

O processo educativo não se caracteriza pelo recebimento por parte dos alfabetizados, de conhecimentos prontos e acabados, mas pela interação com os conhecimentos que

circulam, respondendo aos desafios do mundo em que vivem, transformando realidade e fazendo cultura.

A educação sob esse enfoque tem caráter emancipatório, libertador, problematizador da realidade, diferente da educação bancária onde o professor assume o papel de mero transmissor do conhecimento, “o que sabe tudo e deposita o conhecimento no aluno, que nada sabe e somente escuta” (FREIRE, 1996).

É importante que se respeite o conhecimento prévio, experiências de um novo saber possibilitando um processo permanente de aprendizagem.

Por mais que o professor contribua para o processo de aprendizagem, a atuação do aluno é o foco central é dele a principal tarefa de construir novos saberes. É competência de o professor facilitar e orientar, com respeito, as atividades dos alunos. Mas para isso é preciso respeito, interesse e responsabilidade por parte do aluno que por muitas vezes sentem-se incapazes e inferiores, tanto que chegam a acreditar que seus conhecimentos prévios não são válidos para novas descobertas:

[...] o papel do educador não é falar propriamente ao educando, sobre sua visão do mundo ou lhe impor esta visão, mas dialogar com ele sobre a sua visão e a dele. Sua tarefa não é falar, dissertar, mas problematizar a realidade concreta do educando, problematizando-se ao mesmo tempo (FREIRE, 1996).

As reflexões sobre os conceitos da prática educativa aparecem na escola pública brasileira como uma vertente essencial para a promoção de um espaço educativo crítico, no qual o aluno possa externar o seu modo de ver o mundo e se colocar como sujeito participante.

O que venho propondo é um profundo respeito pela identidade cultural dos alfabetizando uma identidade cultural que implica respeito pela língua do outro, cor do outro, gênero do outro, classe social do outro, orientação sexual do outro, capacidade intelectual do outro; que implica na capacidade de estimular a criatividade do outro. Mas essas coisas ocorrem em um contexto social e histórico, e não no ar puro e simples. Essas coisas ocorrem na história(FREIRE, 1996).

Hoje, se exige do educador uma postura alicerçada num processo permanente de reflexão que leva a resultados inovadores no trato da educação. Sem dúvidas que, as contribuições de Paulo Freire levam o educador a consciência de si enquanto ser histórico que continuamente se educa num movimento dialético no mundo que a cerca que implica em saber dialogar e escutar que supõe o respeito pelo saber do educando.

1.3 O PROCESSO DE LEITURA E ESCRITA NA EJA

O reconhecimento do Direito à Educação e do Direito a aprender por toda vida é, mais do que nunca, uma necessidade: é o direito de ler e de escrever; de questionar e de analisar; de ter acesso a recursos e de desenvolver e praticar habilidades e competências individuais e coletivas (CONFITEA V-Declaração de Hamburgo sobre a Educação de Jovens e Adultos, 1997).

A aquisição da leitura e da escrita é muito importante para que as pessoas exerçam seus direitos, possam trabalhar e participar da sociedade com cidadania. Se informar e aprender coisas novas ao longo de toda vida. O domínio dessas habilidades é condição essencial para enfrentar as exigências do mundo contemporâneo, propiciando o acesso à informação, saúde, direitos, etc.

Contudo, para exercer a cidadania que é construída e conquistada, o cidadão precisa ser ativo, participativo, fazer valer seus direitos.

A cidadania expressa um conjunto de direitos que dá à pessoa a possibilidade de participar ativamente da vida e do governo de seu povo. Quem não tem cidadania está marginalizado ou excluído da vida social e da tomada de decisões, ficando numa posição de inferioridade dentro do grupo social. (DALLARI, 1998, p.14).

Então, para a efetivação de construção da cidadania, precisamos de estratégias pedagógicas que orientem a ação alfabetizadora dos jovens e adultos, apresentando como propósito didático o domínio da leitura e da escrita a partir de atividades que valorizem nas práticas sociais a leitura de mundo, pois, segundo Freire (1998, p.82) “é preciso propor um

texto, um pensamento ligado ao contexto social e histórico como objeto da curiosidade que é a escrita da palavra”.

Toda escola pública comprometida com a democratização social e cultural precisa garantir aos jovens e adultos o domínio de competências de leitura e escrita necessárias para a participação autônoma nas diferentes práticas sociais.

“Se a democratização da escola na dimensão política da pedagógica tende a romper os muros culturais que isolam a escola da comunidade, possibilitando a articulação desse trabalho pedagógico com o contexto cultural dos usuários”(KRUG e AZEVEDO, 1999, p.14).

Os avanços ocorridos no mundo moderno têm apontado para a busca da leitura e escrita como elementos propulsores de desenvolvimento e, por conseguinte requisito básico para a organização da sociedade. Apesar do trabalho realizado na escola, é cada vez mais evidente a necessidade de se refletir sobre a importância dos atos sociais, visando abordar estas interdisciplinares.

Entendendo, para a leitura ser usada como processo de compreensão e transformação da realidade torna-se urgente uma reflexão por parte do professor como mediador da leitura e escritura, a fim de que se possam reelaborar as práticas docentes, por vezes, “caducas” já que o trabalho de mediação requer, principalmente, competência, dinamismo e criatividade. Pensar formas de organização e dinamização de momentos e espaços que favoreçam a formação do leitor efetivo é urgente, sobretudo pelo fato de que a leitura e a escrita podem servir de instrumento para a construção de um mundo melhor e transformar realidades.

Para Teberosky e Colomer (2003, p.23), “O conhecimento da leitura e da escrita começa em situações da vida real em atividades e ambientes também reais”.

Porém o que se observa é que as atividades e materiais utilizados pela escola, na maioria das vezes, entram em contradição com as experiências e a realidade do aluno, práticas que acabam prejudicando a aprendizagem. A escola vem oferecendo modelos de linguagem a serem imitados, são aplicadas em sala de aula, estudo e memorização de regras gramaticais. Entretanto, isso não resultou em melhoria das habilidades de leitura e escrita dos educando.

Ler é um processo complexo. Não se adquire o hábito de ler, se conquista no dia-a-dia. É tarefa do professor fazer valer isso em sala de aula. Primeiramente, cabe ao professor ser leitor e passar isso para os alunos, demonstrar o seu contato com os textos e a forma como a leitura atua e modifica a vivência dos indivíduos. Segundo Lajolo (1985):

Se a relação do professor com o texto não tiver um significado, se ele não for um bom leitor, são grandes as chances de que ele seja um mau professor. E,

à semelhança do que ocorre com ele, são igualmente grandes os riscos de que o texto não apresente significado nenhum para os alunos, mesmo que eles respondam satisfatoriamente a todas as questões propostas.

Na realidade as práticas atuais de ensino de Língua Portuguesa apresentam deficiências relativas à leitura e escritura oriunda de trabalhos de forma descontextualizados e dissociados da realidade do educando. A escola restringe-se a ensinar ler e escrever desvalorizando a leitura de mundo. Os textos trabalhados são distantes da realidade do aluno e estes respondem a atividades meramente mecânicas reproduzindo questões propostas pelo livro didático.

O que se percebe é que as escolas continuam a serviço de um projeto que pela via do fracasso escolar a maioria dos alunos perde o direito de ler e escrever. São usados métodos de ensino equivocados, sem significação para o aluno que acaba perdendo a única oportunidade de aprender o verdadeiro sentido do ato de ler e escrever. A leitura e a escrita são usadas apenas para cumprir atividades pré-determinadas pelo professor e não como ato prazeroso e importante para seu desenvolvimento intelectual, profissional e social.

Os estudos de Martins (1994, p.31), apresentam a concepção de leitura sob dois ângulos distintos, a saber:

- I. Como decodificação mecânica de signos linguísticos, por meio de aprendizado estabelecido a partir do condicionamento estímulo-resposta (perspectiva behaviorista-skinneriana);
- II. Como processo de compreensão abrangente, cuja dinâmica envolve componentes sensoriais emocionais, intelectuais, fisiológicos, neurológicos, tanto quanto culturais, econômicos e políticos (perspectiva cognitivo-sociológica).

Adotando estas duas perspectivas como eixos norteadores para a nossa reflexão têm claro que a noção de leitura entre educadores e educados está pautada em concepções mecânicas, com ações meramente decodificadoras de signos linguísticos, que nada ou pouco contribuem na formação da cidadania cobrada pela “sociedade do conhecimento”. O mundo contemporâneo à luz dos novos paradigmas educacionais exige do indivíduo umas formações amplas, baseadas em competências indispensáveis aos moldes do novo mercado de trabalho mundiais, o que difere de abordagens meramente mecânicas do ato de ler e escrever.

O educador é responsável pela mediação entre alunos (leitores e escritores) e textos de natureza diversa. Isso sugere a necessidade de formação de um novo tipo de leitor, capaz de atender às exigências do mundo contemporâneo.

Nessa linha de pensamento parafraseando Paulo Freire, Martins (1994, p.12) afirma que: “Ninguém ensina ninguém a ler; o aprendizado se desenvolve na convivência com os outros e com o mundo.” No meio dessa ação, a função do educador é fornecer subsídios teóricos para que o aluno desenvolva as habilidades de leitura e escrita de forma efetiva.

Assim, todo ser humano é capaz de aprender (e também de ensinar), a relação professor/aluno torna-se um processo de constante ensino/aprendizagem.

É esse, pois, o sentido do trabalho a ser desenvolvido na alfabetização de jovens e adultos, o qual traz a ideia de leitura e escrita como consequência das relações sociais, culturais, políticas, econômicas e linguísticas do grupo social em que o alfabetizando está inserido. Como tal, implica um trabalho que representa essa diversidade através da interação da leitura e da escrita.

Ler bem pode ajudar a viver, porque o sujeito se informa, se identifica, se transforma, principalmente, se anima. Mas o que leva as pessoas a escreverem é uma angústia diferente dessas: a angústia de riscar um destino, interferir na história, se colocar no campo de jogo (BERNARDO, 2000, p. 29).

Aprender a ler e a escrever é a principal expectativa da sociedade. O conceito de leitura como decifração de palavras escritas já não satisfaz. Ler supõe a compreensão de sentidos, a identificação das intenções de quem escreve da ideologia que se esconde por trás das palavras.

O significado de ler, por outro lado, é uma prática social que atende a diferentes necessidades do sujeito. Lemos para buscar informações, pelo prazer da leitura ou para saber de que se trata o texto. Reforçando o conceito de leitura Martins (1994, p.34) afirma que:

Aprender a ler significa também aprender a ler o mundo, dar sentido a ele e a nós próprios, o que mal ou bem fazemos mesmo sem ser ensinados. A função do educador não seria precisamente a de ensinar a ler, mas a de criar condições para o educando realizar a sua própria aprendizagem conforme seus próprios interesses, necessidades, fantasias, segundo as dúvidas e exigências que a realidade lhe apresenta.

Da mesma forma, escrever não pode ser apenas registrar com letras os sons da fala ou escrever frases com palavras dadas ou ainda fazer relações para que o professor corrija e dê uma nota. Escrever preciso ser um instrumento de informações, comunicações de ideias e sentimentos, produzirem significados que possam ser lidos por outros sujeitos.

A produção de textos, além da produção de sentidos, deve obedecer a certas regras como: ortografia, pontuação, coesão, coerência, tudo isso para melhor compreensão do texto.

Trabalhando nesse contexto, a gramática deixa de ser o centro das atenções do ensino da língua escrita. Conjuguar verbos, decorar preposições, conjunções e advérbios e pronomes não garantem que o educador se torne um leitor e escritor eficiente.

Logo, o trabalho do professor não é fácil. O desafio é trabalhar práticas autênticas, orientar os educando na reescrita de seus próprios textos, selecionar procedimentos mais eficientes para expressar ideias com clareza e coerência, propor atividades a partir de textos significativos lidando incentivar a leitura e a produção escrita de diferentes formas. O educando precisa perceber a capacidade que tem de ler e escrever, como condição necessária para ampliar sua prática social.

Enfim, trabalhar a leitura e escrita dos alunos exige paciência, disposição e reflexão. Os alunos devem perceber que a língua é um instrumento vivo, dinâmico, facilitador na construção do conhecimento e que o uso frequente da leitura e escrita impulsiona novas descobertas.

Nessa perspectiva o aluno da EJA precisa estar consciente que o estudo da língua se faz necessário para evitar a exclusão, construindo leituras de mundo, criando possibilidades de descobertas pessoais. Esse estudo deve servir para que o aluno sinta-se à vontade e não pressionado em aprender e que o processo de aprendizagem torne-se íntimo para o aluno e não uma experiência traumática. Eles devem estar motivados a compreender o discurso do outro, interpretar pontos de vista, criticar as coisas do mundo. É preciso ouvir a voz dos muitos jovens e adultos que retornam à escola se sentindo muitas vezes, incapazes e inibidos pelos perversos processos de exclusão do próprio sistema escolar.

Finalmente, é preciso que forçasse uma reflexão acerca das ideias de Martins (1994, p. 34-35) “Enquanto permanecermos isolados na cultura letrada, não poderemos encarar a leitura senão como instrumento de poder, dominação dos que são iletrados. Essa realidade precisa ser alterada... começarmos a ver a leitura como instrumento libertador e possível de ser usufruído por todos.”

1.4 GÊNEROS TEXTUAIS E ENSINO

Trabalhar com a diversidade textual é uma possibilidade de mudança no processo de ensino e aprendizagem, na medida em que dinamiza as aulas e põe o aluno em contato direto com os vários tipos de textos que circulam no seu meio. Ainda aqui chamemos atenção ao poema que apresenta o duplo poder de conquistar leitores e escritores e dinamizar as aulas, renovando a atividade pedagógica e didática da escola.

Entendemos que um leitor/escritor só se forma através de uma prática constante de leitura e escrita organizada em torno da diversidade de gêneros textuais que circulam socialmente. Essa formação requer, antes de tudo, uma postura dinâmica do professor, de modo que ele possibilite ao aluno o acesso á maior variedade possível de textos. Os livros didáticos já devem trazer consigo esse leque de opções. Desse modo, o aluno desenvolverá uma postura de selecionar textos que atendam as suas necessidades. Esse momento deve ser mágico, apaixonante, instigante... Acreditamos que o poema é a porta para a formação do aluno enquanto leitor/escritor e que pode encantar e prender o aluno na teia de fantasias e emoções que compõem o universo da leitura e escrita.

No texto “Linguagem e diálogo” de Carlos Alberto Faraco, o autor discute as idéias linguísticas do círculo de Bakhtin acerca da noção e classificação dos gêneros textuais. De acordo com o autor a noção de gênero a que faz menção Bakhtin, serve como uma unidade de classificação para designar os diversos tipos de textos.

Ao definir gênero como sendo tipo textual, Bakhtin (apud. FARACO, 2003) divide-o em primário e secundário, e considera que tais “tipos” estão sempre relacionados às atividades as quais as pessoas pretendem executar. Em relação a esta afirmação Faraco (2003, p.111) defende a ideia de que: “O ponto de partida de Bakhtin é a estipulação de um vínculo orgânico entre a utilização da linguagem e a atividade humana. Para ele, todas as esferas da atividade humana estão sempre relacionadas como utilização da linguagem”.

Dessa feita, os gêneros textuais constituem meios de adequação de determinados conhecimentos às necessidades humanas. É nessa perspectiva que os PCNs veem a necessidade de contemplar a diversidade de textos e gêneros, no sistema de ensino, tanto pela relevância social destes, como pelas especificidades das formas de cada tipo textual. Porém para assegurar o efetivo aprendizado dos alunos, propõe que o professor priorize os textos de uso públicos e do cotidiano, que, sem dúvidas, podem favorecer o desenvolvimento crítico do

pensamento do aluno, bem como funciona como um meio de “fruição estética” por parte deste.

Em síntese, podemos afirmar que as interações humanas ocorrem com contexto situacional, e os dizeres refletem tipos distintos de gênero. A este respeito Faraco (2003, p.112) discorre que “falar, não é, portanto, apenas atualizar um código gramatical num vazio, mas moldar nosso dizer as formas de um gênero no interior de uma atividade”.

Por um bom tempo, a grande maioria dos textos encontrados nos livros didáticos possuía caráter meramente literário, atualmente os autores destes livros são obrigados a diversificar a variedade dos gêneros textuais, atendendo as exigências da sociedade da informação. Segundo Bezerra (2002, p.43):

Havendo, na sociedade atual, uma grande variedade de textos exigidos pelas múltiplas e complexas relações sociais, é necessária que o livro amplie sua variedade textual. Por isso, encontramos recomendações de que o ensino de Língua portuguesa gire em torno do texto, de modo a desenvolver competências linguísticas, textuais e comunicativas dos alunos, possibilitando-lhes uma convivência mais inclusiva no mundo letrado de hoje (não no sentido de, simplesmente, aceitá-lo, mas principalmente de questioná-lo, de imprimir-lhe mudanças). Assim, a ênfase na leitura, análise e produção de textos narrativos, descritivos, argumentativos, expositivos e conversacionais, considerando seus aspectos enunciativos, discursivos, temáticos, estruturais e linguísticos (que variam conforme as situações comunicativas), caracteriza-se como uma das renovações mais apregoada no ensino de nossa língua, embora ainda insuficientemente praticada.

Os gêneros textuais caracterizam-se como eventos textuais altamente maleáveis, dinâmicos e plásticos. Surgem emparelhados a necessidade e atividades socioculturais, bem como na relação com inovações tecnológicas, o que é facilmente perceptível ao se considerar a quantidade de gêneros textuais hoje existentes em relação a sociedades anteriores à comunicação escrita (SANTOS et al. 2007).

Os gêneros textuais surgem, situam-se e integram-se funcionalmente nas culturas em que se desenvolvem. Caracterizam-se muito por suas funções comunicativas, cognitivas e institucionais do que por suas peculiaridades linguísticas e estruturais. São de difícil definição formal, devendo ser completados em seus usos e condicionamento sócio-pragmáticos caracterizados como práticas sócio-discursivas.

É bom salientar que embora os gêneros textuais não se caracterizem nem se definam por aspectos formais, sejam eles estruturais ou linguísticos, e sim por aspectos sócio-comunicativos e funcionais, isso não quer dizer que estejamos desprezando a forma.

Os gêneros textuais operam, em certo contexto, como formas de legitimação discursiva, já que se situam numa relação sócio-histórica como fontes de produção que lhes dão sustentação muita além da justificativa individual.

No tocante ao desenvolvimento das habilidades de leitura escrita, a utilização de gêneros textuais diversos oportuniza ao aluno o contato com as múltiplas linguagens, possibilitando uma articulação entre a oralidade e a escrita, conforme sugerem os PCNs.

1.5 A LEITURA DE POEMAS NA SALA DE AULA

A leitura tem um papel fundamental no desenvolvimento intelectual do indivíduo, como também na aquisição do conhecimento, porque ela modifica, transforma e amplia a visão das idéias, das palavras, fazendo com que o leitor chegue a sua realização humana.

Se tivermos consciência da importância da leitura para o processo de aprendizagem, cabe a nós educadores da EJA a tarefa de sermos mediadores e promotores da construção desse conhecimento, já que somos todos comprometidos e envolvidos com a educação. Tanto a escola como todos os professores, não só os de língua portuguesa devem ser facilitadores do processo de leitura, levando-o ao encontro do aluno.

E a sala de aula, como destaca Zilberman (2003, p.16), tem todas as condições para tornar-se “um espaço privilegiado para o gosto pela leitura, assim como um importante setor para intercâmbio da cultura literária”. Reconhecer o caráter artístico da literatura, selecionar obras que permitam o diálogo, a interação entre o narrador e o leitor, garantindo prazer no ato da leitura e consequentemente ampliação dos horizontes, de expectativas e aquisição de novos conhecimentos é a maneira de aproximar o estudante do mundo da leitura e dar-lhe direito de crescimento e participação nos acontecimentos, conquistas e decisões no meio em que vive. Outro fator importante refere-se ao fato de o professor se constituir leitor, uma vez que se ele não tiver o hábito de ler poemas, por exemplo, dificilmente conseguirá despertar o interesse dos seus alunos por esse tipo de texto. Conforme afirma Cunha (1986, p. 95) “se o professor não se sensibilizar com o poema dificilmente conseguirá emocionar os seus alunos”.

A literatura encarada como categoria artística, fonte de prazer contribui para a essência libertaria do ser humano. A leitura literária promove a busca da identidade e sua interação com a realidade.

O poeta ao criar um poema, apresenta extrema sensibilidade no que se refere aos significados das palavras, a ordenação entre elas, aos seus sons, ritmos e métricas. Fazem menção as diferentes funções que pode ser atribuída a linguagem, enquanto potencial capaz de estimular, persuadir, encantar e transmitir informações.

O texto poético é capaz de deixar fluir toda a sensibilidade de cada ser, porque os poetas escrevem para fazer pensar um mundo de um jeito novo. Eles usam diferentes recursos, tudo para transmitir idéias, pensamentos, experiências e emoções ao leitor. E o facilitador e mediador do encontro do aluno com os poemas somos nós educadores.

O modo como a poesia deve entrar na escola é muito especial e não deve parecer esporádico. Entretanto, a grande parte das escolas ainda apresenta a leitura de poemas de um passado muito remoto, cheio de regras rígidas e formalidades, com uma dicção dura, e, principalmente uma linguagem arcaica sobre temas antigos que nada tem haver com os sentimentos e a realidade de hoje.

Os poemas nas escolas sempre se restringiram ao estudo formal das estéticas poéticas, de poucos poetas em particular ou de mínimas redações envolvendo, geralmente, versões de poetas conhecidos e admirados no meio pedagógico.

Os textos poéticos trabalhados em sala de aula são em sua maioria, alvo de marginalização tanto por parte dos docentes, quanto por alunos, que não foram preparados adequadamente para decifrar o universo mágico da poesia. Acredita-se que a atitude do professor em fase da arte literária é um dos pontos importantes na apreciação dos poemas em classe. A maneira como o professor vê e sente os poemas, seu real interesse, e que vai determinar o despertar e a prontidão do aluno pelo assunto.

A leitura do poema faz a troca de idéias entre professores e alunos. O professor-leitor deve ler o poema em voz alta, que o próprio ato de pronunciar as palavras obriga a entendê-las melhor. Após a leitura, o professor deve colher as reações, fazendo perguntas, sugerindo respostas e estimulando a criatividade. Na leitura de poemas, todas as estratégias do professor serão válidas, se ele tem como objetivo incentivar o hábito da leitura, mostrando as possibilidades que os livros guardam para serem descobertos. O procedimento e o método utilizado podem variar contanto que sejam respeitadas as sensibilidades e as inteligências dos alunos.

A realidade é que no currículo escolar não há unidades específicas sobre a leitura literária e, mas particularmente sobre o trabalho com poemas. Esse tipo de texto aparece de forma fragmentada e descontextualizada, dissociada da realidade do aluno.

Segundo Pinheiro (2002, p.63), problema da escolha dos poemas, no plano geral das obras está ligado aos núcleos temáticos à possibilidade de maior exploração de aspectos gramaticais e interpretação textual [...], portanto a seleção dos poemas muitas vezes obedece a critérios que passam longe do valor estético.

“A literatura não é uma copia do real, nem puro exercício de linguagem, tampouco mera fantasia que asilou dos sentidos do mundo e da história dos homens [...] postos de formas descontextualizadas, tais procedimentos pouco ou nada contribui pra a formação de leitores...” (BRASIL, 2001, p.37).

A escola é responsável pelo ensino de gêneros formais e essa aprendizagem amplia nossa competência linguística e discursiva e nos dá mais possibilidade de participação social. É preciso garantir a todos os alunos os saberes linguísticos necessários para o exercício da cidadania. Isso porque uma vida digna em sociedade pressupõe o domínio das competências de ler, escrever e refletir.

Sendo, pois, a leitura tão essencial na vida cidadã, sobretudo pelo seu caráter plural e dialógico, muito se discute sobre possíveis metodologias de aproximar o estudante do mundo da leitura e da escrita. Cabe aos professores dinamizar o espaço da sala de aula de forma a dar significado às ações pedagógicas. Para tanto, podemos tomar como base a experiência prévia dos alunos com o gênero a ser trabalhado em situações sociais que eles consideram mais próximas da sua realidade. Pinheiro (2002, p.26) destaca, por exemplo, a importância de se:

Improvisar um mural, onde os alunos, durante uma semana, um mês ou o ano todo colocam os versos de que mais gostam (...) de qualquer época ou autor, são procedimentos que vão criando um ambiente (...) em que o prazer de lê-lo passa a tomar forma.

O estudo de poemas em sala de aulas deve ser uma hora de entretenimento e prazer para professor e alunos. Nenhum sacrifício deve ser imposto aos dois lados. O professor não deve se empolgar e falar mais do que o aluno, ele é um mero condutor e orientador.

Muito dos procedimentos descritos tornam-se necessários devido à atual urgência da formação de um modelo de leitor crítico com competências suficientes para a compreensão

dos diversos gêneros textuais encontrados cotidianamente. Dentre esses gêneros, lembramos que o poema é um dos mais relegados e postos em segundo plano. Por essa razão e pela preferência dos alunos da EJA em trabalhar com poemas vislumbramos na compreensão do universo poético a abertura do ângulo de visão interpretativa dos nossos alunos, porque entendemos o estudo de poemas como gênero polissêmico que pode contribuir para a interpretação dos diversos gêneros textuais. O gênero poético favorece ampla liberdade de criação e de interação com o autor. Como destacou Bakhtin (1998, p. 320) “os outros, para os quais meu pensamento se torna, pela primeira vez, um pensamento real (e com isso, real para mim) não são ouvintes passivos, mas participantes ativos da comunicação verbal”.

2 METODOLOGIA

2.1 CARACTERÍSTICA DA INSTITUIÇÃO ESCOLAR

A Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Dr. José Gadelha- Aparecida foi inaugurada no ano de 1951. Atualmente possui um quadro discente composto por 515 educandos matriculados nos três turnos. Desse total, 130 são alunos matriculados na Educação de Jovens e Adultos e 385 cursam o Ensino Fundamental e o Ensino Médio. O corpo docente é formado por 28 professores, sendo 09 efetivos e 19 contratados. É um quadro bem constituído já que todos os professores efetivos possuem habilitação específica de sua área e atuam na mesma.

O quadro administrativo da instituição é composto por 21 funcionários, sendo três efetivos, três cargos comissionados e 15 prestadores de serviços distribuídos da seguinte maneira: uma gestora, uma vice-gestora, uma secretária, dois técnicos administrativos, três inspetores, duas bibliotecárias, um auxiliar de informática, três auxiliares de serviços, três merendeiras, dois porteiros, dois vigilantes. Na equipe pedagógica conta apenas com uma supervisora, prestadora de serviços.

Quanto à estrutura física, a instituição possui dependências que não satisfazem todas as necessidades atuais de seus alunos, funcionários e comunidade em geral, falta salas de aulas para atender de forma adequada os alunos, pois estes se encontram em salas superlotadas, pois não há espaço suficiente para assistir toda a demanda, falta também uma área coberta para recreação e eventos da escola.

Atualmente a escola está estruturada com 26 dependências, distribuídas em 10 salas de aula, 1 diretoria, 1 secretaria, 1 almoxarifado, 1 depósito para merenda, 1 cozinha, 2 depósitos para materiais de limpeza e esportivo, 6 banheiros (1 acessível para portadores de necessidades especiais), 1 laboratório de informática(onde funciona provisoriamente a sala de recursos multifuncionais), 2 galerias cobertas. A instituição ainda possui os seguintes recursos materiais: vinte e dois computadores, dois Data show, dois aparelhos de DVD, três impressoras multifuncionais, duas televisões, três aparelhos de som e um retroprojeter.

Apesar de alguns contratemplos de ordem material, como falta de um conector, cabo para internet ou a falta de salas suficientes como mencionado anteriormente, a escola é referência em qualidade na educação nesta cidade, pois a proposta educacional visa à

melhoria no atendimento a comunidade, e acaba sendo canal para a cidadania, abrangendo todos os aspectos relacionados à educação em concordância com o conhecimento sistematizado.

2.2 UNIVERSO E ESTRATÉGIA DA PESQUISA

Para que fosse aplicado o método proposto que estivesse de acordo com os objetivos desse trabalho foram utilizados alguns instrumentos metodológicos de coleta de dados como questionário e oficinas de trabalho além de observações em sala de aula sobre os hábitos de leitura e escrita dos alunos e o interesse de trabalhar a leitura através de gêneros textuais constituindo-se de um diagnóstico sobre as turmas.

O método aplicado partiu do incentivo à leitura através do conhecimento dos gêneros textuais, especialmente poemas, usando a pesquisa e produção de textos em forma de poemas.

A pesquisa foi realizada com os alunos do Ensino Fundamental da EJA, que estudam na Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Dr. José Gadelha, localizada a Rua João Amâncio Pires, nº 95 na cidade de Aparecida – PB.

Essa pesquisa está classificada como prática, na medida em que utiliza uma alternativa para trabalhar a leitura e escrita na Educação de Jovens e Adultos do Ensino Fundamental da Escola Estadual Dr. José Gadelha. Segundo Lima (2002), pesquisas práticas são aquelas que entevem na realidade social, denominadas pesquisa participante, avaliação quantitativa, pesquisa ação.

A pesquisa foi realizada com as turmas da 6ª e a 7ª séries da EJA. Dos 130 alunos matriculados na EJA, apenas 16 alunos participaram da pesquisa, os demais, frequentam irregularmente, ou já abandonaram as aulas como é característica dessa clientela.

A presente monografia foi operacionalizada a partir de uma pesquisa bibliográfica e da pesquisa de campo, com oficinas realizadas no período de maio a junho de 2010. O fluxograma (FIGURA 1) apresenta a sequência dos trabalhos realizados.

Os dados coletados foram analisados de forma quantitativa a partir dos conteúdos obtidos e também interpretada, buscando ligação entre os resultados obtidos com alguns fundamentos teóricos.

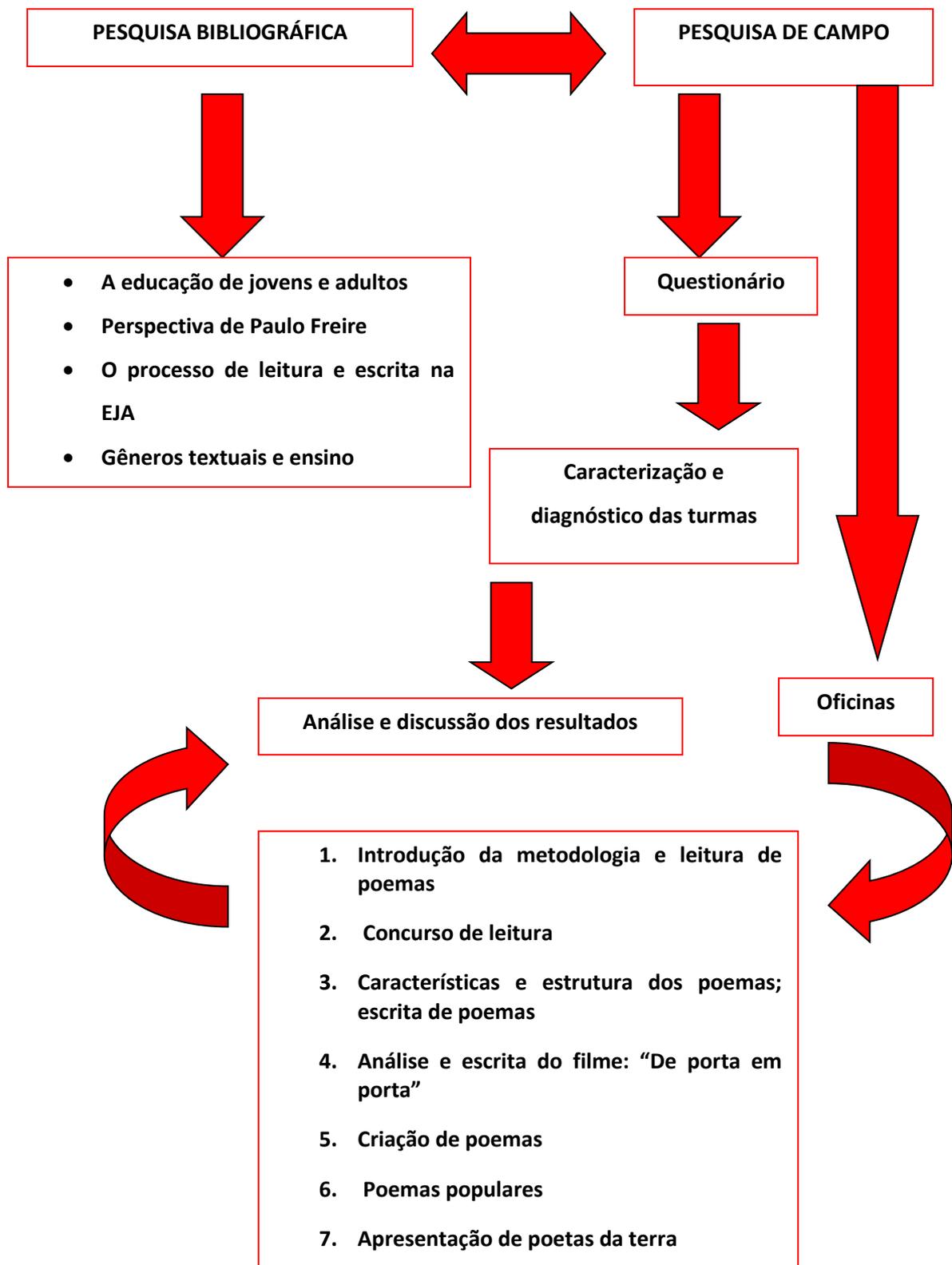


Figura1. Fluxograma da metodologia aplicada aos alunos da EJA da Escola Estadual Dr. José Gadelha, Aparecida – PB.

3 APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS RESULTADOS

3.1 CARACTERIZAÇÃO E DIAGNÓSTICO DAS TURMAS

Para análise da leitura e escrita através da diversidade textual foi utilizado como amostra de dados um total de 16 alunos incluindo as duas séries do ensino fundamental, EJA I e EJA II, totalizando 65% dos alunos que estão matriculados no referido curso. Este é um dos fatos preocupantes enfrentados pela escola: um número muito limitado de jovens e adultos que procuram uma formação, a falta de estímulos em retornarem ao processo de escolarização.

A pesquisa foi iniciada pela análise da faixa etária do aluno cujos dados são apresentados na. Figura 2. Podemos observar que 52% dos alunos têm entre 15 e 18 anos e 48% de 19 a 43.

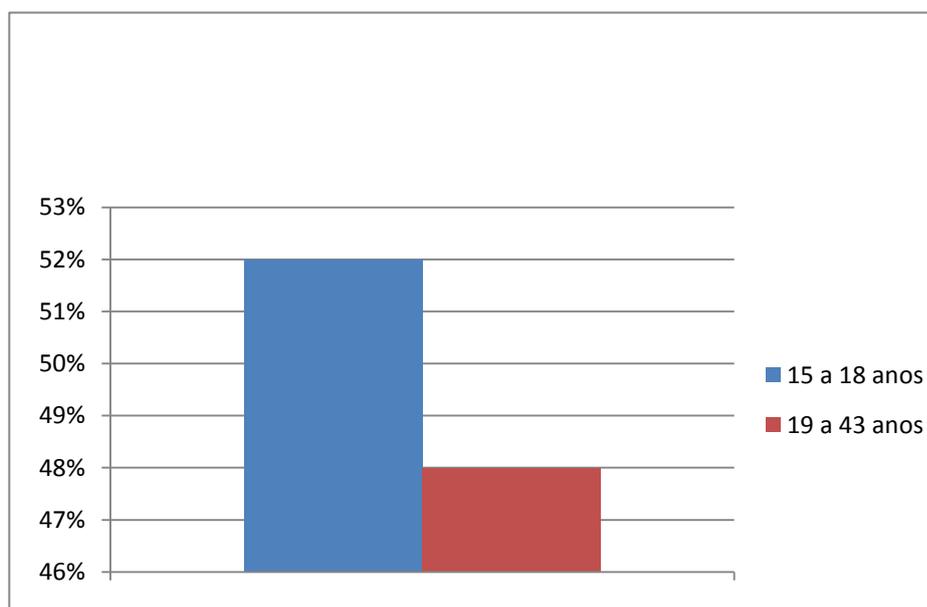


Figura 2. Faixa etária dos alunos da EJA da Escola Estadual Dr. José Gadelha- Aparecida – PB.

A partir dessa análise percebemos que apesar de poucos alunos matriculados na EJA, é maior o número de alunos na faixa etária entre 15 e 18 anos com 52%. Comprova-se assim que a clientela da EJA tornou-se jovem e urbana, alunos que poderiam estar no ensino regular que segundo eles, o ingresso na EJA poderia antecipar o tão sonhado diploma. São jovens e adultos procurando programas de elevação de escolaridade, buscando melhorar suas chances de inserção no mercado de trabalho, o desejo de independência, de recuperar o

tempo perdido na escola durante a adolescência. Outra forte razão para esta procura é a busca do reconhecimento social e da afirmação da autoestima, uma forma de sentir-se incluído na sociedade.

Analisando os resultados evidenciados na Figura 3, podemos observar certa compatibilidade de gênero nas turmas de EJA da referida escola, ou seja, o percentual de alunos do sexo feminino é o mesmo em relação ao sexo masculino. Como resultado da pesquisa feita através do questionário, comprovou-se que tanto alunos quanto alunas almejavam as mesmas conquistas que são principalmente a formação escolar e consequentemente a inserção no mercado de trabalho, mas a maioria das alunas é adolescente que, pela idade poderiam estar no ensino regular, mas optaram em ingressar na EJA pelo fato dessa modalidade oferecer a possibilidade de conclusão antecipada do ensino fundamental o que, para elas, significa a concretização mais rápida de um sonho. Já os homens, em sua maioria, estão na idade adulta e pretendem resgatar na EJA o tempo escolar perdido na juventude. Percebemos ainda na EJA que o interesse dos homens adultos em aprender é maior em relação ao interesse das meninas jovens.

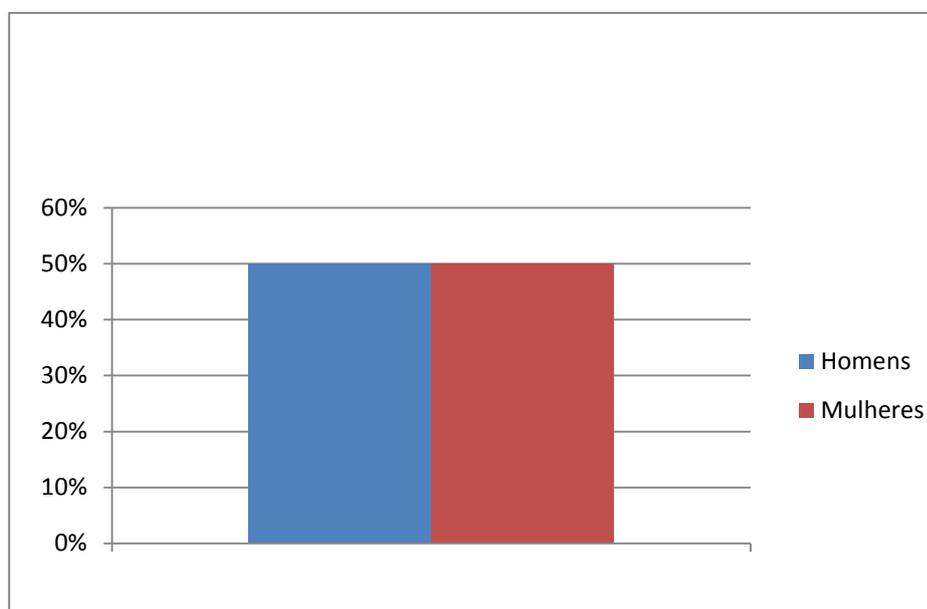


Figura 3. Número de homens e mulheres alunos da EJA da Escola Estadual Dr. José Gadelha - Aparecida - PB.

Para Kock (2002), para que o aluno torne-se “sujeito do ato de ler” é preciso que ele se torne apto a aprender a significação profunda dos textos sendo capaz de reconstituí-los e reinventá-los. Enquanto o aluno não tiver consciência deste fato vai fazendo da leitura algo

sem muita importância sem valorizar a leitura como fundamental para seu crescimento intelectual, dispensando seu tempo livre também para uma leitura prazerosa.

A partir da análise dos dados coletados e demonstrados na figura 4 observamos que, um grande percentual que é de 60% lê raramente, 40% nunca lê e ninguém (0%) lê todos os dias. Faz-se necessário o empenho máximo de professores em buscar incessantemente novos métodos na realização de uma prática ideal, um processo interativo que inclua o uso funcional e social para que alunos encontrem sentido no ato de ler e escrever, um sentido significativo e não repetitivo.

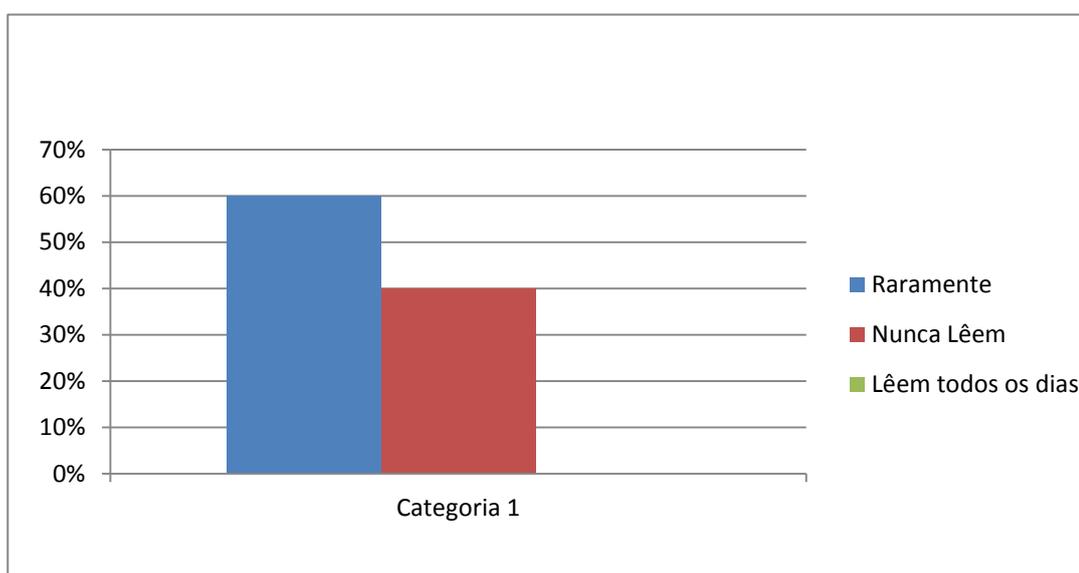


Figura 4. Frequência do ato de ler dos alunos da EJA da Escola Estadual Dr. José Gadelha- Aparecida – PB.

Perante a realidade social vigente mundialmente, a prática da leitura e da escrita no cotidiano das pessoas tornou-se imprescindível. Isso quer dizer que o aluno não necessita apenas do ambiente escolar para ler e redigir e nem tão pouco somente o que o professor propõe, mas o que seu dia-a-dia requer. Nessa perspectiva não haverá mais sentido a prática vigente nas escolas, onde o professor introduz através de variados métodos uma aprendizagem desarticulada da realidade dos alunos. Como diz Teberosky e Colomer (2003, p.78).

O professor tem a responsabilidade de organizar atividades nas quais se desdobre um jogo de participação ativa rica em relações sociais e atividades de leitura e escrita compartilhada, situações de discussões e argumentação [...] elementos essenciais para a construção do conhecimento.

Analisando a figura 5 observa-se que 40% dos alunos pesquisados optaram por livros, vistos que os mesmos relacionaram a estes o próprio livro didático que na realidade é a que eles têm acesso. Em 2º lugar, foram escolhidas as revistas, com um percentual de 28% que pelos depoimentos dados, aparece com mais acessibilidade por apresentarem preços acessíveis e assuntos atrativos de acordo com a faixa etária, além de reportagens variadas; e, os jornais com um percentual de 28% que, segundo eles muito importante pelo seu caráter informativo; enquanto os gibis são lidos por 20%. Eles alegaram que os gibis tornam a leitura prazerosa e descontraída, e enfim, a bíblia com um percentual de 4% pelo fato de considerarem a leitura bíblica algo essencial á vida do ser humano.

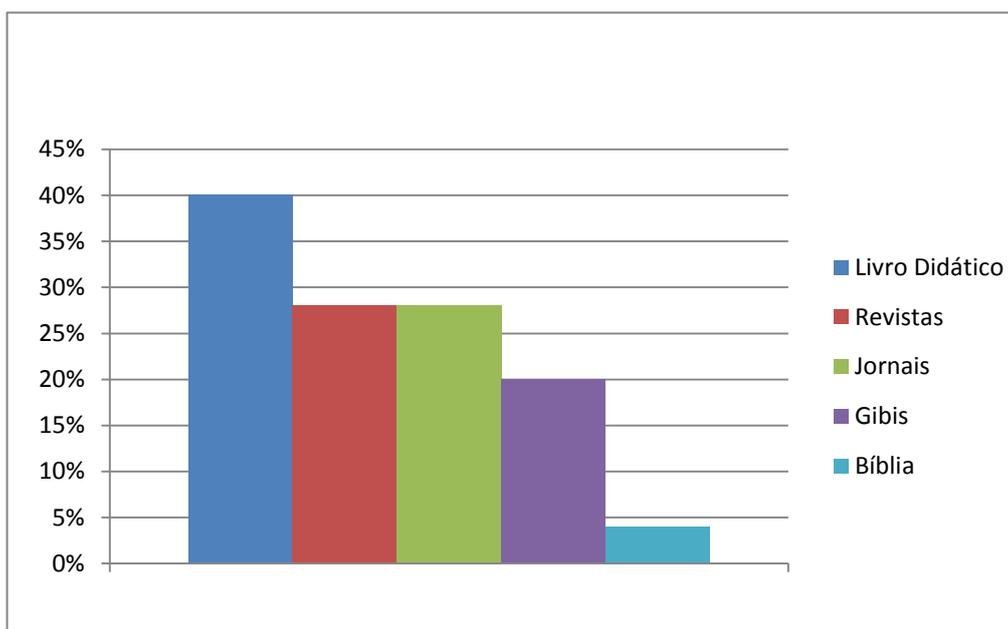


Figura 5. Preferência de leitura dos alunos da EJA da escola Estadual Dr. José Gadelha- Aparecida – PB.

Ao serem questionados sobre a família, a relação deles com a leitura (FIGURA 6), apenas 16% dos alunos pesquisados relatou ter mãe e pai ou irmão como leitores, não sendo mencionado o tipo de leitura escolhidos por eles. Sabendo do quanto é importante o incentivo da família para que os alunos criem o gosto pela leitura é justificável o fato dos jovens se mostrarem desinteressados em manter este hábito tão importante para seu desempenho no cotidiano.

A leitura é o processo através do qual o leitor realiza um trabalho ativo de compreensão e interpretação do texto, a partir de seus objetivos de seu conhecimento sobre o assunto, sobre o autor, de tudo o que sabe sobre a linguagem. Não se trata de extrair informações decodificando letra por letra, palavra por palavra (MARTINS, 1994).

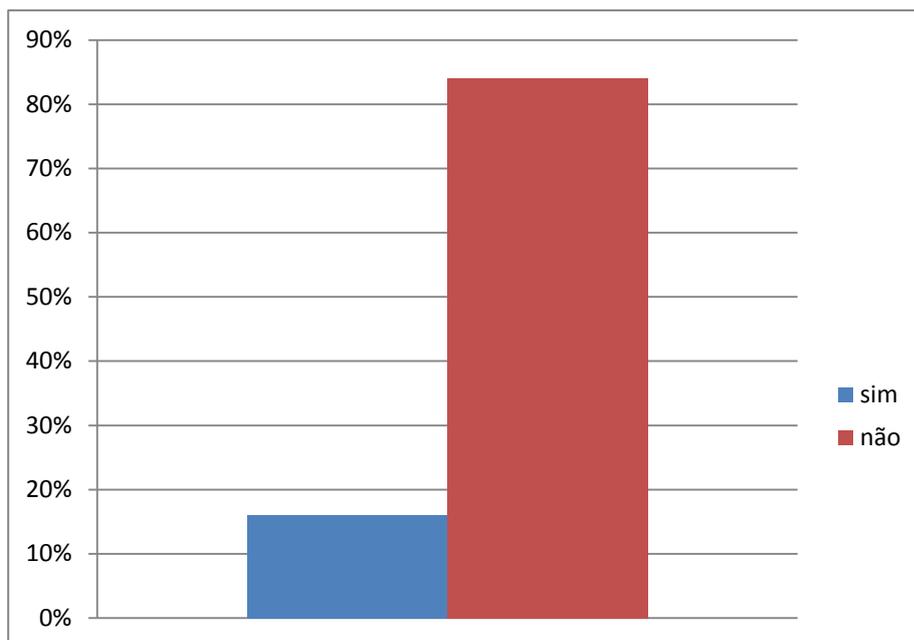


Figura 6. Hábitos de leitura das pessoas que moram com os alunos da EJA da escola Estadual Dr. José Gadelha- Aparecida – PB.

Segundo Ferreiro (2001, p.07), ser leitor não é conhecer as letras e seu valor sonoro, e sim ser capaz de construir significado. Sem dúvida este significado está relacionado com a decodificação da escrita através do ato de ler.

A realidade que presenciamos no ambiente escolar ou fora dele e pelos depoimentos obtidos dos alunos em relação á leitura é que o contato do alunado com qualquer tipo de texto é restrito.

Ao questionarmos os alunos sobre ao trabalho com a diversidade textual na sala de aula, verificamos que 40% afirmaram (FIGURA 7) que tiveram contato com textos diversos, exclusivamente através do livro didático que, após certa análise do material consideramos insuficiente para o aprimoramento da leitura e escrita dos alunos. Já 60% dos alunos disseram não ter trabalhado com gêneros textuais. Eles apresentaram certo interesse quando sugerimos o trabalho direto com os seguintes gêneros: poesia, carta, receita culinária e currículo.

É de fundamental importância oferecer aos alunos a diversidade textual para o desenvolvimento do processo social de leitura e escrita. Mostrando como é importante conhecer os mais variados tipos de leitura para a opção de gênero que são habilidades construídas a partir do contato com o repertório textual do gênero que está apreendendo e que lhe sirva como referência e não como imitação. Tratando deste aspecto Santos et al. (2007) explicam, que:

É importante que o aluno não imite os textos escolares, mas que produza textos com referência a situações de comunicação bem definidas, precisas e reais: uma verdadeira descrição de uma catedral para um guia turístico, uma verdadeira culinária que possa ser feita em casa.

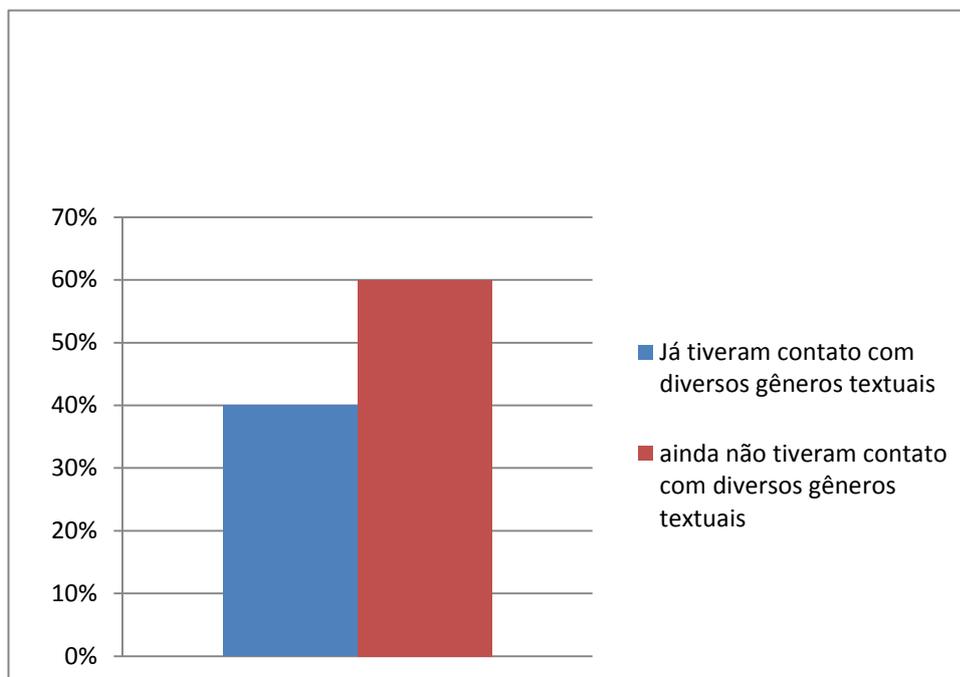


Figura 7. Uso da diversidade textual com os alunos da EJA da Escola Estadual Dr. José Gadelha- Aparecida – PB.

Os alunos precisam ter contato com diferentes textos, ouvir histórias, observar os professores lendo e escrevendo. Precisam participar de uma rotina de trabalho variada e estimulante e, além disso, receber incentivo dos professores e da família. Trabalhar a diversidade de gêneros textuais é uma orientação especialmente valiosa para alunos oriundos de ambientes familiares pouco letrados. No caso da EJA, eles podem encontrar na escola uma oportunidade única de se familiarizar com suportes de escrita, tais como revistas, jornais e sites da internet, outros livros além dos didáticos com toda a diversidade de gênero que neles aparecem.

De acordo com BRASIL (2001, p.30):

Toda educação verdadeiramente comprometida como o exercício da cidadania precisa criar condições para o desenvolvimento da capacidade de uso eficaz da linguagem que satisfaça necessidades pessoais - que podem estar relacionadas às ações efetivas do cotidiano... os textos são produzidos, lidos e ouvidos em razão das finalidades desse tipo. Sem negar a importância

dos que respondem a exigências práticas da vida diária, são os textos que favorecem a reflexão crítica e imaginativa.

O destaque maior para a escolha do tipo textual pelos alunos a ser trabalhado em sala de aula deu-se ao gênero poesia (48%); 24% preferiu carta que, segundo eles, é uma maneira de expressar melhor o que sentem 8% teve aceitabilidade com o gênero receita culinária, pelo fato de gostarem de cozinhar e por terem oportunidade de trocar receitas novas com os colegas e 12% pretenderam trabalhar com o currículo para facilitar o preenchimento de uma possível ficha de emprego e 8% relatou não gostar de nenhum gênero textual (FIGURA 8).

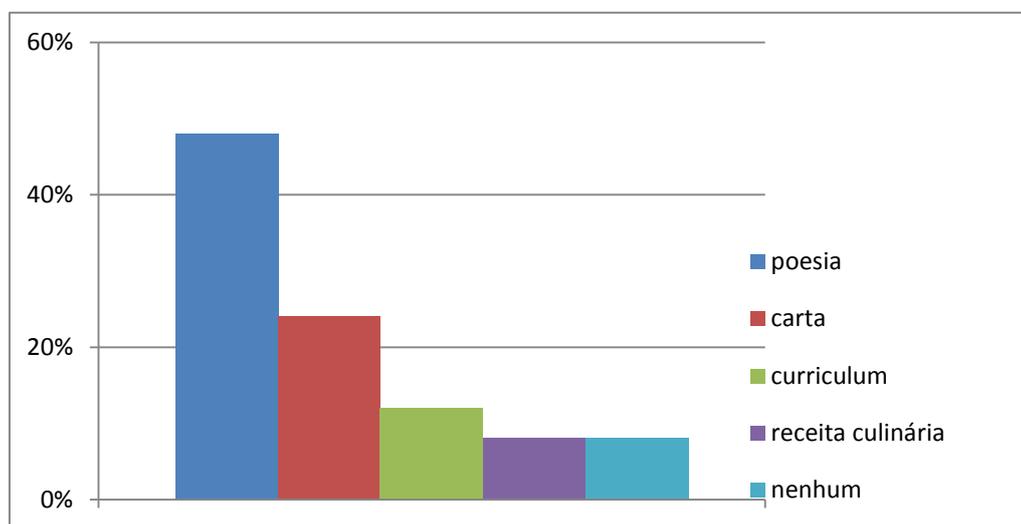


Figura 8. Gêneros textuais apreciados pelos alunos da EJA da Escola Estadual Dr. José Gadelha- Aparecida – PB.

Verificamos através da pesquisa que apesar das evidências, alguns alunos são sonhadores, lutam por melhoras na sua vida que, segundo eles, só poderá ser alcançada através dos estudos.

Partindo dessa preferência optamos então trabalhar com mais ênfase e 1º lugar, a poesia já que os textos literários, especificamente os poemas, são objeto de marginalização tanto por autores dos manuais didáticos como por educadores que, na maioria das vezes não possuem o devido embasamento teórico-metodológico para trabalhar esse tipo de texto.

Convivemos com o ensino irrelevante de poesias na sala de aula sem a mínima preocupação com a contextualização adequada, e a preparação teórico-metodológica dos ministrantes dessas aulas. Desta forma crescemos descrentes e desinteressados com a

literatura no geral, e a poesia, parte integrante dela fica restrita pelo ímpeto da juventude apaixonada e cheia de sonhos.

O mundo de hoje com suas múltiplas solicitações exige indivíduos cidadãos críticos e criadores. Haverá criação somente pela educação da sensibilidade e da imaginação. E a poesia, estimula a inteligência e educa a sensibilidade, incentiva a criatividade e desperta a apreciação do belo. Nesse sentido, Pinheiro (2002, p.62), relata que enquanto que não se compreender que a poesia tem um valor que não se trata apenas de um joguinho ingênuo com palavras ela continuará a ser um dos gêneros literários menos apreciados no espaço escolar.

3.2 TRABALHO DE LEITURA

De posse de um diagnóstico prévio sobre os problemas de leitura em sala de aula e do interesse da turma pelo gênero poesia, que deve ser lida como ato prazeroso, capaz de sensibilizar e levar o educando a reflexão crítica acerca dos temas abordados iniciou-se o trabalho de pesquisa nas turmas selecionadas.

O objetivo do educador ao apresentar um trabalho com a variedade textual em sala de aula é abordar o conteúdo explicitando a função social, as características linguísticas e discursivas desses gêneros de maneira atrativa e dinâmica. Os alunos devem sentir-se sujeitos produtores através de uma situação real e funcional de uso do gênero que se propõe estudar, tudo isso pode ser contemplado sem que se torne enfadonho e sem sentido para os alunos.

“O educador democrático não pode negar-se o dever de sua prática docente, reforçar a capacidade crítica do educando, sua curiosidade, sua insubmissão.” (FREIRE, 1996, p.26).

Convém ao educador orientar as atividades dos alunos sem modelos, nem imitações, valorizando o conhecimento de mundo, as práticas sociais, a realidade onde estão inseridos, a construção da autonomia de forma que possam ser cidadãos responsáveis de suas ações.

Diante desta abordagem iniciamos uma metodologia a partir da execução de oficinas com a finalidade de se trabalhar o processo de leitura e escrita através da diversidade textual com ênfase no gênero poesia, por ter sido preferência para maioria dos alunos. As oficinas foram ministradas em hora-aula do professor das diferentes disciplinas pelo caráter essencialmente interdisciplinar da leitura e escrita.

Dentre as opções da variedade textual, destacamos os poemas como um tipo de texto propício do processo de conquista na formação de leitores e escritores. Não só pelo seu caráter atrativo e lúdico, mas acima de tudo pela vasta produção que dispomos enquanto país de grandes poetas. É, a poesia, objetivo e método de ensino na medida em que auxilia na tarefa incansável do hábito da leitura e escrita.

Os resultados das oficinas foram colhidos e utilizados para relativização e análise dos dados expressos a seguir. O conjunto de oficinas totalizou sete encontros divididos em duas horas-aula por dia. Procuramos acompanhar e orientar individualmente a aplicabilidade dos trabalhos em sala de aula a fim da verificação dos resultados obtidos concretamente.

Pelas observações preliminares constatamos que os alunos, alvo da pesquisa, apresentavam dificuldades na leitura, na escrita, interpretação e compreensão de textos em função da deficiência no processo de ensino e aprendizagem que sempre foi realidade do cotidiano escolar.

È comum ouvirmos pessoas dizendo que não gostam de ler e escrever, e boa parte dos alunos do EJA encontram-se incluídos nesse cenário. Ao perguntarmos o porquê descobrimos que uma das razões do “não gostar” dizia respeito a pouca intimidade com a prática diversificada da leitura e escrita, textos fora do contexto de sua vida real.

3.2.1 Primeira oficina: Introdução da Metodologia e Leitura de Poemas

O ambiente estava organizado e convidativo para o estudo do referido tema, fizemos um círculo para melhor participação e compreensão das atividades propostas.

A abertura deste encontro foi feita com um momento religioso, uma leitura bíblica feita pelo aluno Osório F. de Miranda do texto “Vós sois o sal da terra” (Matheus 5,13-15) que serviu de base para uma reflexão acerca do papel do professor na formação do aluno. Em seguida, foi feita a leitura do poema “Recomeçar” de Fernando Pessoa (ANEXO) com a intenção de levar o aluno de EJA a refletir sobre a vida deles enquanto estudantes hoje e profissionais amanhã.

Foi realizada uma explanação sobre gêneros textuais partindo do seguinte pressuposto teórico:

“Os gêneros surgem de acordo com sua função na sociedade... conhecer um gênero não é apenas conhecer as suas características formais, mas antes de tudo, entender a sua função e saber, desse modo, interagir adequadamente”. (Olimpíadas de Língua Portuguesa, 2009, p. 4).

Em seguida foi apresentada aos alunos uma variedade de poemas clássicos e populares, retirados da coletânea de poemas das Olimpíadas de Língua Portuguesa: Tem tudo a ver (Elias José), Livros e Flores (Machado de Assis), Trava-Trova (Cica), Quadras ao gosto popular (Fernando Pessoa), Emigração e suas conseqüências (Patativa do Assaré), O buraco do tatu (Sérgio Caparelli), A valsa (Casimiro de Abreu), Cidadezinha(Mário Quintana), Convite (José Paulo Paes), Rimas e quadras (Diversos autores), A Foca(Vinicius de Moraes, Trava-linguas (Domínio publico), As Marias do meu lugar (Carlos Victor Araújo) e Canção do exílio (Gonçalves Dias).

Expostos em murais e nas paredes da sala (FIGURA 9), os poemas foram organizados com gravuras e letras legíveis. Pedimos aos alunos que ficassem à vontade para apreciar os textos e após a apreciação escolhessem o poema que mais atraísse sua atenção. Foi constatado a partir daí prioritariamente o gosto dos alunos pelo gênero popular. Iniciamos assim uma roda de leitura livre e sem obrigação, tornando-a mais prazerosa. Foi feita uma leitura dos poemas pelos alunos em voz alta e os que não leram ficaram como ouvintes.

3.2.2 Segunda Oficina: Concurso de Leitura

Iniciamos a segunda oficina com a leitura compartilhada do texto “Nossa vida” (ANEXO) de Charles Chaplin, orientou-se a discussão dos alunos sobre seus objetivos de vida e suas pretensões profissionais.

Para interação com os alunos e como estratégia de incentivo á leitura. Foi apresentado o poema “Meus oito anos” (Casimiro de Abreu) em voz alta, com musicalidade, gesticulando, chamando atenção para respeito aos sinais de pontuação.

Para esta oficina planejamos um concurso de leitura de poesia (FIGURA 9) utilizando a coletânea de poemas apresentadas na oficina anterior. O aluno que lesse e comentasse o poema seria premiado, o aluno vencedor teria uma premiação especial, no caso, uma caixa de chocolate.

Cada aluno, com um livro em mãos pôde escolher o poema de sua preferência tendo assim a oportunidade de ter contato com uma leitura natural, prazerosa, “sem obrigação” como estão habituados a fazer, ler para responder questões. Por esta razão, segundo eles, os alunos sempre reclamavam quando o professor pedia para que lessem. A prática de leitura em sala de aula fica assim, restrita a atividades enfadonhas, sem nenhum objetivo de divertir o aluno e afetando a oralidade.

Iniciamos então o esperado concurso de leitura. Salientamos que nem todos os alunos participavam da aula como desejávamos. Os que participaram envolveram-se com o evento, lendo em voz alta, gesticulando como verdadeiros poetas. Dentre os poetas aprendizes pudemos apreciar a leitura dos poemas: “Livros e flores” (Machado de Assis), lido pelo aluno Diego dos Santos; “Emigração e suas consequências” (Patativa do Assaré), declamado por Ana Lúcia; “Cidadezinha” (Mário Quintana) com a leitura de Solange Daniel; “Quadrasao gosto popular” (Fernando Pessoa) com Maria José, Silvana Mendes, Luma Ferreira, Edson Pereira, Samara Trajano e Olavo Clementino; “Meus oito anos” (Casimiro de Abreu) leitura de Soraia Daniel de Sousa; “As Marias do meu lugar” (Carlos Victor Araújo) lido por Osório de Miranda, Marcos Antônio, Mariana Natural, Sandra Alves, Isaac Barbosa, Lucivânia Batista e Francisco Márcio.

Após a leitura dos poemas, já era possível perceber uma pequena melhora em relação ao primeiro encontro. Eles se encantavam com os versos, as rimas, o conteúdo, a cada leitura, novas descobertas.

A avaliação para a escolha do vencedor do concurso foi feita pelos professores da própria escola, levando em consideração a musicalidade, gesticulação e envolvimento com os poemas lidos. A vencedora do concurso foi à aluna Ana Lúcia que declamou o poema “Emigração e suas consequências” (Patativa do Assaré) (ANEXO).

3.2.3 Terceira Oficina: Características e Estrutura dos Poemas; Escrita de Poemas

“Brincando com as emoções e as palavras” foi à temática abordada na nossa terceira oficina. Fizemos uma leitura compartilhada do texto “Poetizar é preciso” de Renilson Pereira (ANEXO) que enfatiza a importância de se enxergar a vida e o mundo com olhos do poeta. Tentamos mostrar que poeta é aquele que tem sensibilidade para enxergar o além, de perceber nas coisas simples do cotidiano, coisas que a maioria das pessoas não percebem.

Objetivamos naquele momento o reconhecimento do poema em suas diversas formas de expressão do cotidiano e ainda trabalhar a escrita através da reescritura de poemas criados pelos alunos.

A abordagem girou em torno do conhecimento dos alunos sobre recursos poéticos e estrutura para a percepção e identificação de rimas e poemas. Trabalhados, nesse dia com uma coletânea de poemas conhecidos pelos alunos de diversos autores, “Livros e flores” (Machado de Assis); “Emigração e suas consequências” (Patativa do Assaré); “Cidadezinha” (Mário Quintana); “Quadras populares” (Autores diversos) “Meus oito anos” (Casimiro de Abreu); “As Marias do meu lugar” (Carlos Victor Araújo). Rimas e quadras (autores diversos) trava-língua (domínio públicos), “Convite” (José Paulo Paes), “A foca” (Vinicius de Moraes), “Canção do exílio” (Gonçalves Dias).

Estudamos sobre as características do poema definindo e diferenciando alguns conceitos do universo poético (poemas, rimas, versos e estrofes) enfatizando que, através desses recursos estilísticos empregados pelo poeta, o poema pode expressar sentimentos, emoções ou sua versão da realidade.

Apresentamos aos alunos as quadras populares que são estrofes compostas por quatro versos, que podem rimar em diferentes formas. Um dos alunos, Olavo Clementino de Sousa conseguiu associar esse conceito a versos que ele conhecia e fez a leitura de uma quadra muito popular entre nós:

“Lá no fundo do quintal
Tem um tacho de melado
Quem não sabe cantar verso
É melhor ficar calado”.

Constatamos assim, o quanto é valioso o conhecimento de mundo do aluno. Havia sempre algum conteúdo nos poemas que eles já conheciam ou associavam à sua vida real.

Após o estudo teórico sobre o poema, sugerimos que os alunos se agrupassem para reescreverem poemas mudando as rimas. Como referencial, procuramos textos que pudessem exemplificar, na prática, os diversos recursos poéticos propostos na oficina. Como produção textual, escolhemos o poema A Foca (Vinicius de Moraes in: A arca de Noé) que foi reescrito pelo grupo e está apresentado abaixo:

ORIGINAL	ALUNO
A Foca	A Foca
Quer ver a foca	Quer ver a foca
Ficar feliz?	Ficar louca?
É por uma bola	È por uma bola
No seu nariz	Na sua boca
Quer ver a foca	Quer ver a foca
Bater palminhas?	Dar pulinhos?
É dar a ela	È lhe mostrar
Uma sardinha	Uns brinquedinhos
Quer ver a foca	Quer ver a foca
Fazer uma briga?	Ficar zangada?
É espetar ela	È lhe dar
Bem na barriga	Umaz palmadas

Pela qualidade e criatividade do poema reescrito fica comprovado que os objetivos da aula foram alcançados.

Continuamos a oficina trabalhando o poema “Canção do Exílio”, de Gonçalves Dias, que foi muito apreciado pelos alunos. Pedimos para que, oralmente, eles identificassem os recursos poéticos previamente estudados.

Finalizamos o encontro com a dinâmica: “Vamos pra ilha”, uma vez que o seu objetivo principal era rimar, pois só ia pra ilha aquela pessoa que dissesse uma palavra que rimasse com a do instrutor, quem não conseguisse pagava prenda. Esse trabalho funcionou como um exercício sobre o que seria uma rima.

A leitura não deve ser obrigatória. É preciso oportunizar o contato com os diferentes textos para que a leitura se torne prazerosa e satisfatória e não uma obrigação, identificando-se a preferência de leitura que os alunos apresentam, através de um bom planejamento sobre as condições em que a leitura deve ser trabalhada "A prática docente critica, implicante do pensar certo, envolve o movimento dinâmico, dialético, entre o fazer e o pensar sobre o fazer" (FREIRE, 1996).

3.2.4 Quarta oficina: Análise e Escrita do Filme: “De porta em porta”

Como toda oficina, iniciávamos com uma dinâmica. Pensamos num filme que pudesse passar uma mensagem para a vida dos alunos, uma lição de perseverança e conquista. E escolhemos o filme “De porta em porta” de Steven Schachter (2002. Canadá e USA).

O filme narra a história de um deficiente chamado Bill, que vivia a procura de um emprego. As pessoas não acreditavam na sua capacidade, mas Bill nunca desistia do seu objetivo. Até que um dia, após tanta luta e preconceitos, encontrou uma empresa que lhe deu certa credibilidade. Ele começou a trabalhar como vendedor de produtos de limpeza e, batendo de porta em porta, a cada dia conquistava mais clientes. Enfim, o resultado de suas vendas impressionou e Bill ganhou até um prêmio como melhor vendedor e destaque do ano.

Após uma reflexão sobre a mensagem abordada no filme, entregamos a cada equipe um estudo dirigido onde eles deveriam responder algumas perguntas como: título, personagens, onde se passou a história, como a era o protagonista Bill, que obstáculos ele teve que enfrentar para conseguir um emprego. O objetivo dessa metodologia era trabalhar a escrita dos mesmos (APENDICE). A atividade foi complementada solicitando aos alunos que escrevessem, em forma de narrativa, sobre a relação do filme com sua vida pessoal e que como a história do filme poderia ajudar na sua vida como estudantes de EJA, cheios de sonhos e objetivos e que também sofrem preconceitos, sendo muitas vezes vistos como incapazes.

“Esta história nos ajudou a sermos mais compreensíveis com as pessoas... Bill é um exemplo de vida um homem corajoso que não desistiu diante dos obstáculos. Aprendemos muito com esta história nos ajudando a nunca desistir dos nossos sonhos, e das nossas lutas de emprego. Somos capazes, basta acreditar”. (Olavo Clementino de Sousa, aluno EJA I).

3.2.5 Quinta Oficina: Criação de Poemas

Demos início a aula com a leitura compartilhada do texto “Carta aos jovens” de Mauriac cujo texto completo está em anexo:

“Para todas as grandes coisas
Exigem-se lutas penosas
E um preço muito alto.
A única derrota da vida é a fuga diante das dificuldades
O homem que morre lutando é um vencedor”.

(Mauriac)

O objetivo da leitura do texto foi fazer uma reflexão acerca do valor da juventude, a importância de lutar pelos objetivos e tentar superar os obstáculos da vida, uma metáfora para a conquista dos estudos e do tão almejado espaço de trabalho. Os alunos fizeram comentários sobre problemas enfrentados no decorrer da vida estudantil, as dificuldades em realizar um sonho. Uma boa discussão foi travada que certamente contribuirá no percurso difícil dos alunos do EJA, carentes de informação, formação, e reconhecimento.

Para o quinto encontro foi planejado trabalhar a leitura e a escrita, através de produções de poemas criados pelos alunos, considerando o bom embasamento teórico sobre o gênero. Os alunos foram divididos em cinco equipes de trabalho onde os poemas produzidos (APÊNDICE) foram utilizados na organização de um varal de poemas (FIGURA 11).

Observando as características dos poemas escritos pelos alunos percebemos a valorização e resgate da cultura da comunidade, a familiaridade com textos poéticos, sensibilidade para as sensações e sentimentos despertados pela leitura e produção de textos poéticos, escritos segundo seus interesses, necessidades, realidades do cotidiano, expressando sentimentos e refletindo o quanto a poesia pode estar presente no seu dia-a-dia.

O papel do educador é mediar a aprendizagem, priorizando, nesse processo, a bagagem de conhecimentos trazida por seus alunos, ajudando-os a transpor esse conhecimento para o "conhecimento letrado". “A escrita não é um produto escolar, mas sim um objeto cultural, resultado do esforço coletivo da humanidade.” (FERREIRO, 2001, p. 43)

No final das apresentações foi aberta a discussão sobre os temas relatados nos poemas e chamados atenção aos desvios ortográficos ocorridos durante à escrita. Foi realizada a correção dos textos poéticos e solicitado que os alunos reescrevessem seus poemas observando os erros de concordância, ortográficos e estrutura do poema.

Após as correções, os poemas eram novamente lidos e no final, o aluno fixava o poema no varal efetivando-se assim o objetivo proposto pela oficina, à culminância no varal de poemas.



Figura 9. Murais de poemas organizados na sala de aula dos alunos da EJA da Escola Estadual Dr. José Gadelha- Aparecida – PB.

De início houve certa inibição e resistência do grupo em fazer a leitura dos textos por dificuldades de não saberem ler corretamente. Aos poucos os alunos foram entrando em um clima propício de expor para a turma os temas variados encontrados nos poemas. Voluntariamente a aluna Soraia Daniel de Sousa pediu para fazer a leitura do poema de Gonçalves Dias “Canção do exílio”, surgiram várias curiosidades em saber que terra seria aquela tão amada, tão atraente, foi suficiente para instigarmos uma discussão sobre sua terra natal a questão da valorização da sua terra e povo. O grupo começou a interagir sobre o tema abordado propiciando uma participação ativa dos alunos na aula.

Foi apresentado o poema “Outra canção do exílio” (ANEXO) Eduardo Alves da Costa, poeta contemporâneo que aborda que “exila-se” em seu próprio país e nega que o Brasil atual seja um lugar em que se possa viver em paz e de que possa ter saudades. Os alunos deram opiniões e fizeram comparações, orientados pelos professores.

A oficina foi finalizada com a música de Raul Seixas “Tente outra vez”, outro gênero textual que tinha como objetivo de incentivar e descontrair os alunos, o que alcançado com a participação de alunos mais inibidos que ousaram cantar a música.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise das informações obtidas na pesquisa e as contribuições trazidas pela história cultural da leitura permitiram problematizar as afirmações sobre a ausência de leitura nos meios populares e suas consequências cognitivas.

O desenvolvimento e interesse por hábitos permanentes de leitura é um processo constante que pode começar na família, na rua, na comunidade e que pode se aperfeiçoar na escola continuando por toda a vida, em diversos espaços sociais.

Da análise das informações obtidas na pesquisa podemos inferir que os alunos da EJA da Escola Estadual Dr. José Gadelha- Aparecida-PB tem pouco ou nenhum contato com os diversos tipos de leitura existentes. Pode-se relacionar este fato ao baixo poder aquisitivo, à falta de influências da família e a forma como a escola pratica a leitura, utilizando como instrumento principal apenas o livro didático.

O trabalho de pesquisa realizado com os alunos da EJA da Escola Estadual Dr. José Gadelha- Aparecida-PB foi de fundamental importância para nós educadores, já que se apresentou como fonte de dupla conquista: a contribuição deixada para os alunos que participaram dessa experiência, que se concretizou como uma melhoria na sua formação; e a oportunidade de reflexão sobre a nossa prática pedagógica, o verdadeiro papel do educador enquanto formador de opinião e a realidade de jovens e adultos que, por diversos motivos tiveram que abandonar a escola e hoje retornaram a ela. O conhecimento da história de vida do aluno da EJA pode se configurar como conteúdo e metodologia de ensino

Nesse sentido, julgamos que a experiência por nós vivenciada contribuiu significativamente para a trajetória de vida daqueles alunos que, apesar de se encontrarem num cenário de exclusão e discriminação dividem objetivos e sonhos, almejam conquistas possíveis de serem alcançadas através do estudo.

O trabalho teve como referência as produções textuais dos alunos, através das quais pudemos perceber uma acentuada criatividade que depois de explorada e estudada, serviu de ponte e estímulo à leitura e à escrita.

A partir desse estudo foi possível detectar além da deficiência de leitura e escrita, muitos desvios ortográficos. Desse modo, deixamos como sugestão para os professores a elaboração de projetos que viessem a privilegiar estas deficiências.

Estamos conscientes de que não é possível sanar todas as dificuldades de leitura e escrita dos alunos em tão pouco tempo, pois se trata de um processo complexo e longo. No entanto

estamos felizes por termos alcançados nossa meta primeira de refletir sobre as condições da leitura e da escrita em salas de EJA e, posteriormente, dar a nossa contribuição na formação desses alunos.

Quando se analisa a escola brasileira atual percebe-se que em sua grande maioria, sua prática, ainda está pautada na mera transmissão de conhecimentos e tem o aluno como sujeito passivo desse processo. Trata-se de uma visão conservadora da realidade, onde não se discute a realidade do aluno, tampouco seus sonhos e aspirações. A prática educativa restringe-se à transferência de conteúdos que foram escolhidos no momento da confecção do planejamento anual e guarda considerável distância daquela realidade do aluno e que ainda continua inflexível à possíveis mudanças.

No caso da EJA o quadro se agrava, pois os obstáculos se multiplicam e se acumulam diante dos fatores socioeconômicos, culturais e pessoais. Aqui os alunos tendem a travar uma batalha maior que aquelas do ensino regular, pois tem que superar o preconceito e a discriminação que anda a EJA, tanto por parte da sociedade que acolhe e ao mesmo tempo exclui como por parte do governo com políticas públicas insuficientes.

Diante da problemática do ensino público, em especial da EJA, e da nossa experiência com esse público chegamos à conclusão que ainda é possível modificar a concepção de Educação. É possível supor que na prática do professor, gestão escolar e governo faz-se necessário uma reflexão para que o primeiro passo seja dado em busca de uma educação de qualidade.

É preciso que haja uma profunda transformação no ensino público, na EJA, no sentido de se inserir na escola uma nova maneira de encarar o ensino e a aprendizagem; de rever a escola como espaço democrático de reflexão, de diálogo e de cooperação entre os atores do fazer pedagógico: educador e educando.

Se acreditarmos que a educação brasileira tem conserto e que depende de nós, educadores, darmos nossa parcela de contribuição para a formação digna e eficaz daqueles que estão sobre a nossa responsabilidade, temos que lançar tantas outras sementes e fazer brotar outras possibilidades de redimensionamento de nossas teorias e práticas. No nosso caso específico de EJA, enxergamos pelo viés da leitura e escrita de textos a possibilidade de compreensão e transformação do ambiente cultural em que vivem os nossos alunos.

É com esse pensamento que optamos encarar a educação de jovens e adultos: uma visão auto-reflexiva que se inicia no reconhecimento da responsabilidade primeira do professor enquanto agente de formação daqueles alunos. Secundariamente, acreditamos que o trabalho com textos que circulam a realidade do aluno da EJA é um caminho promissor para a

sua formação, pois a significação, o sentido da aprendizagem pauta-se, sem discussão, numa efetiva proposta de letramento. Cabe à escola transformar-se em espaço de oportunidades para o desenvolvimento dessa proposta e seguir conseqüentemente, rumo a uma educação de qualidade.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BAKHTIN, M. **Marxismo e filosofia da linguagem**. São Paulo: Hucitec, 1998.

BERNARDO, Gustavo. **Redação inquieta**. Belo Horizonte: Formato, 2000. In: FONSECA, Marcelo Teixeira (Et al). **Uma Experiência de Promoção da Leitura/Escrita na Educação de Jovens e Adultos (EJA)**. Soletas, Ano VIII, nº 15, São Gonçalo: UERJ. Janeiro/Julho 2008.

BEZERRA. M. A. **Gêneros Textuais e Ensino**. Rio de Janeiro: Lucena, 2002.

BRASIL, Ministério da Educação e Cultura. **Proposta Curricular: 1º segmento para a EJA/MEC**. Brasília, 1999.

BRASIL. Conselho Nacional de Educação. Parecer. CME/CEB Nº 11/2001 e Resolução CNE/CEB N1/2001. **Diretrizes Curriculares para a Educação de Jovens e Adultos**. Brasília: MEC, maio de 2000.

BRASIL, Secretaria de Educação Fundamental. Parâmetros Curriculares Nacionais: **Língua Portuguesa**/Ministério da Educação. Secretaria da Educação Fundamental. 3 ed. Brasília: 2001.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Profissional e Tecnológica. PROEJA. **Documento Base**. Coordenação geral de Políticas de Educação Profissional e Tecnológica. Fevereiro de 2006.

CELIA, R. **Curso de didática geral**. 7 ed. São Paulo: Ática, 2003.

CONFITEA V. **Declaração de Hamburgo**. V Conferência Internacional de Educação de Adultos. Hamburgo, Alemanha, julho de 1997.

CUNHA, M. A. A. **Literatura infantil: teoria e prática**. 2 ed. São Paulo: Ática, 1986.

DALARRI, D. **Direitos Humanos e Cidadania**. São Paulo: Moderna, 1998. In: GONÇALVES, J. **Alfabetiza Brasil: Alfabetização de jovens e adultos. Manual do Alfabetizador**. 2 ed. Curitiba: Módulo, 2009.

FARACO, C. A. **Linguagem e diálogo: as idéias do círculo de Bakhtin**. Curitiba: Criar, 2003.

FERREIRO, E. **Reflexões sobre alfabetização**. Tradução Horácio Gonzales et al., 24. ed. Atualizada. São Paulo: Cortez, 2001.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia: Saberes necessários à prática educativa**. 28 ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

FREIRE, Paulo. **In. Paulo Freire para educadores**. São Paulo: Arte & Ciência, 1998. In: GONÇALVES, J. **Alfabetiza Brasil: Alfabetização de jovens e adultos. Manual do Alfabetizador**. 2 ed. Curitiba: Módulo, 2009.

KOCK, I. G. V. A. **Argumentação e linguagem**. São Paulo: Cortez, 2002.

KRUG, A.; AZEVEDO, J. C.. Século XXI: Qual conhecimento? Qual currículo? In: SILVA, L. H. Século XXI: Qual conhecimento? Qual currículo? Petrópolis./RJ: Vozes, 1999.

LAJOLO, M. Leitura em crise na escola. In: As alternativas do professor. 5 ed. A. V. T. et al. Org. Z. R. Porto Alegre. Mercado Aberto, 1985, 164p.

LIMA, Marcio Botelho da Fonseca. *Groupware*, uso das tecnologias da informação e organização do trabalho: **Contribuições à economia da inovação**. Tese Apresentada no Programa de Pós Graduação em Engenharia de Produção na UFSC. Florianópolis. 2002.

MARTINS, M. H. **O que é leitura**. 19 ed. São Paulo: Brasiliense, 1994. (Coleção Primeiros Passos)

OLIMPÍADAS DE LINGUA PORTUGUESA, 2009. Na ponta do lápis. In: LANDEIRA, J. L. **Gêneros textuais na sala de aula: entre modas e realidades**. 2009.

OLIVEIRA, M. K. **Jovens e Adultos como sujeitos de conhecimento e aprendizagem**. In: RIBEIRO, V. M. **Educação de Jovens e Adultos: novos leitores, novas leituras**. Campinas: Mercado das Letras: ALB/São Paulo: Ação Educativa, 2001.

PINHEIRO, J. H. BANBERGUER, R. **Poesia na sala de aula**. 2 ed. João Pessoa: Ideia, 2002.

ROMÃO, J.; GADOTTI, M.. Educação de Jovens e Adultos. **Teoria, prática e Proposta**. São Paulo: Cortez. Instituto Paulo Freire, 2002.

SANTOS, F.C.; MENDONÇA, M.; CAVALCANTE, M.C.B. **Diversidade Textual: os gêneros na sala de aula**. In: **Diversidade Textual: Os gêneros na sala de aula**. Ed. **Autêntica**, 1 ed. Belo Horizonte, 2007.

SILVA, F. I. C.; SOUZA, E. D. de. **Informação e Formação da identidade Cultural: O acesso à informação na literatura de cordel**. Inf. & Soc.: Est., João Pessoa, v.16, n.1, p.215-222, jan./jun. 2006.

TEBEROSKY, A.; COLOMER, T. **Aprender a ler e a escrever**. Porto Alegre, 2003.

ZILBERMAN, R.A **literatura infantil na escola**. 11 ed. São Paulo: Global, 2003.

APÊNDICE

Questionário aplicado nas turmas da EJA alunos da EJA da Escola Estadual Dr. José Gadelha- Aparecida -PB

Caro aluno,

Estou realizando uma pesquisa sobre leitura na modalidade EJA, e para isso preciso da colaboração de todos. Portanto, solicito que respondam este questionário e desde já agradeço sua colaboração.

Escola: _____

Série: _____

1. Faixa etária

15 aos 18 anos

19 aos 43 anos

2. Sexo

Masculino

Feminino

3. Com que frequência você lê?

Raramente

Nunca leem

Leem todos os dias

4. O que você gosta de ler?

Livro didático

Revistas

Jornais

Gibis

Bíblia

5. As pessoas com quem você mora têm o hábito da leitura?

Sim

Não

6. Você trabalha com a diversidade de gêneros textuais na sala de aula (poema, carta, curriculum, receita culinária, bilhete, etc.)?

Sim

Não

7. Que tipo de texto você gostaria de trabalhar na sala de aula como incentivo à leitura e à escrita?

Poema

Carta

Curriculum

Receita culinária

Nenhum

ATIVIDADES DESENVOLVIDAS

Atividade

01- Baseado no que foi estudado reescreva uma das estrofes do poema "O poeta da roça" de Patativa do Assaré de acordo com o chamado "padrão formal da língua escrita, ou seja, da forma como você aprende na escola.

Sou filho das matas, cantor de mão grossa,
Trabalho na roça, de inverno e de estio.
A minha chapona é tapada de barro,
E fuma cigarro de palha de milho.

Equipe: Luanna Barreto de Araújo
Márcia Alexandre Bezerra
Klintonson comilo de Sousa

Atividade

01- Baseado no que foi estudado reescreva uma das estrofes do poema "O poeta da roça" de Patativa do Assaré de acordo com o chamado "padrão formal da língua escrita ou seja, da forma como você aprende na escola.

Meu verso ~~no~~ nasceu, ríngelo e sem graça
não entra na praça, no rico salão,
meu verso não entra no campo e na roça
nas pobres palhoças, da ~~rua~~ ao sertão.

Equipe: Maria de Lourdes Bento Lima,
Mariana Matual de Sousa
Luciana Silva de Nascimento
Isaac Bezerra de Sousa

Atividade

01- Baseado no que foi estudado reescreva uma das estrofes do poema "O poeta da roça de Patativa do Assaré" de acordo com o chamado "padrão formal da língua escrita ou seja, da forma como você aprende na escola.

Eu canto o cabloco com meus caçador
nas noites ansejadas que tudo apressa
for dentro da mata com tanta coragem
apanho as visagens chamada Caipora.

Equipe: Ana Lúcia Maciel da Silva,
Juliusma Batista natal
Sandra Alves, Valino,
Omar Ferreira de Miranda

Atividade

01- Baseado no que foi estudado reescreva uma das estrofes do poema "O poeta da roça de Patativa do Assaré" de acordo com o chamado "padrão formal da língua escrita ou seja, da forma como você aprende na escola.

Por tanto o buliço da vida apitada
Da vida feuda das roças e dos eites
É as vezes recordando a feliz mocidade
Como uma osidade que mora em meu peito!

Equipe: Jannara Trajano de Lima,
Vanessa Ferreira de Almeida

O BRASIL FORA DA COPA

I

Olá brasileiros e brasileiras

Estou aqui para lhes contar

Uma história de decepção:

Não foi dessa vez, meu Brasil,

Mas o nosso coração

Naquele dia pulou a mil!

II

Aquele povo é inteligente

Acertou todos os jogos

Mas no dia que o Brasil jogou

A nossa esperança era mais forte

III

A famosa jabulani

Falhou naquele dia

Mas a jogada do Kaká

Nos enchia de alegria!

IV

No final da copa

A bola mudou de nome

Porque agora todos dizem

Que ela era jabulani

V

Na copa de 2014

Eu agora quero rezar

Para mais uma estrela

Por aqui vir brilhar

VIDA SIM, DROGAS NÃO

I

Quem experimenta droga

Fica logo viciado

Toda hora cheira pó

Fica doido e bolado

II

Sai de casa muito cedo

Vai pra rua fazer terror

Roubar as velhinhas no trânsito

E vai preso porque furtou

III

Muitas vezes sai de casa

Porque acompanha um marginal

Arruma brigas nas ruas

E acaba se dando mal

IV

É muito melhor sem as drogas

Porque você é mais feliz

Não tem problemas com a polícia

É o que meu pai sempre diz

BRASIL, O PAÍS DO FUTEBOL**I**

2010: O ano da copa do mundo

Brasil, nós temos que torcer

Porque a vitória dessa copa

Nós temos que trazer

II

Brasil é uma grande seleção

Tem tudo pra dar alegria

A essa grande nação

Que torce de noite e dia

Brasil, tu és uma grande seleção

Juntos com todos os brasileiros

Tu vais ser hexa-campeão!

ANEXOS

RECOMEÇAR

Não importa onde você parou...
em que momento da vida você cansou...
o que importa é que sempre é possível e
necessário “Recomeçar”.

Recomeçar é dar uma nova chance a si mesmo...
é renovar as esperanças na vida e, o mais importante...
acreditar em você de novo.

Sofreu muito nesse período? Foi aprendizado.
Chorou muito? Foi limpeza da alma.
Ficou com raiva das pessoas? Foi para perdoá-las um dia.

Tem tanta gente esperando apenas um sorriso seu
para “chegar” perto de você.

Recomeçar...
hoje é um bom dia para começar novos desafios.
Onde você quer chegar?

Ir alto... sonhe alto...
queira o melhor do melhor...
queira coisas boas para a vida...
pensando assim trazemos pra nós aquilo que desejamos.

Se pensarmos pequeno... coisas pequenas teremos...

Já, se desejarmos fortemente o melhor

E, principalmente, lutarmos pelo melhor

o melhor vai se instalar na nossa vida.

“Porque sou do tamanho daquilo que vejo,

e não do tamanho da minha altura”.

Fernando Pessoa

OUTRA CANÇÃO DO EXÍLIO

Minha terra tem Palmeiras,
Corinthians e outros times
de copas exuberantes
que ocultam muitos crimes

(...)

Em cismar sozinho, ao relento,
sob um céu poluído, sem estrelas,
nenhum prazer tenho eu cá;
porque me lembro do tempo
em que livre na campina
pulsava meu coração, voava,
como livre sabiá; ciscando
nas capoeiras, cantando
nos matagais, onde hoje a morte
tem mais flores, nossa vida
mais terrores, noturnos,
de mil suores fatais.

(...)

Minha terra tem encantos
de recantos naturais,
praias de areias monazíticas,
subsolos minerais
que se vão e não voltam mais.

(...)

A chorar sozinho, aflito,
penso, medito e reflito,
sem encontrar solução;
a não ser voar para dentro,
voltar as costas à miséria,
à doença e ao sofrimento,
que transcendem o quanto possam
o pensamento conceber
e a consciência suportar.

(...)

Minha terra tem palmeiras
a baloiçar, indiferentes
aos poetas e dementes
que sonham de olhos abertos
a rilhar os dentes.

(...)

Não permita Deus que eu morra
pelo crime de estar atento;
e possa chegar à velhice
com os cabelos ao vento
de melhor momento.
Que eu desfrute os primores
do canto do sabiá,
onde gorjeia a liberdade
que não encontro por cá.

NOSSA VIDA

Procure o que há de bom em tudo e em todos.

Não faça dos defeitos uma distância, e sim, uma aproximação.

Aceite!

A vida, as pessoas, faça delas a sua razão de viver.

Entenda!

Entenda as pessoas que pensam diferente de você, não as reprove.

Ei! Olhe...

Olhe a sua volta, quantos amigos...

Você já tornou alguém feliz hoje?

Ou fez alguém sofrer com o seu egoísmo?

Ei! Não corra. Para que tanta pressa?

Corra apenas para dentro de você.

Sonhe! Mas não prejudique ninguém e não transforme seu sonho em fuga.

Acredite!

Espere!

Sempre haverá uma saída, sempre brilhará uma estrela.

Chore!

Lute!

Faça aquilo que gosta, sinta o que há dentro de você.

Ei! Ouça...

Escute o que as outras pessoas têm a dizer, é importante.

Suba... Faça dos obstáculos degraus para aquilo que você acha supremo.

Mas não esqueça daqueles que não conseguem subir a escada da vida.

Ei! Descubra!

Descubra aquilo que há de bom dentro de você.

Procure acima de tudo ser gente, eu também vou tentar.

Ei você...

Não vá embora.

Eu preciso dizer-lhe que...

Você é muito especial.

Simplesmente porque você existe.

Charles Chaplin

EMIGRAÇÃO E AS CONSEQUÊNCIAS

Nesse estilo popular

Nos meus singelos versinhos

O leitor vai encontrar

Em vez de rosas espinhos

Na minha penosa lida

Conheço do mar da vida

As temerosas tormentas

Eu sou o poeta da roça

Tenho mão calosa e grossa

Do cabo das ferramentas

Por força da natureza

Sou poeta nordestino

Porém só conto a pobreza

Do meu mundo pequenino

Eu não sei contar as glórias

Nem também conto as vitórias

Do herói com seu brasão

Nem o mar com suas águas

Só sei contar minhas mágoas

E as mágoas do meu irmão

[...]

Meu bom Jesus Nazareno
Pela vossa majestade
Fazei que cada pequeno
Que vaga pela cidade
Tenha boa proteção
Tenha em vez de uma prisão
Aquele medonho inferno
Que revolta e desconsola
Bom conforto e boa escola
Um lápis e o caderno

Patativa do Assaré

POETIZAR É PRECISO

São tantas as pedras no caminho, quase sempre não temos “olhos para ver” a simplicidade de uma rosa à beira desse mesmo caminho, nem “ouvidos para ouvir” o encanto do sussurro do vento trazendo de longe o canto solitário de um pássaro.

Será que a vida perdeu a poesia? Ou apenas olhamos o mundo pelo ângulo de Madalena, que sentada numa pedra fica a comer farinha seca. Eu acho que a poesia é fundamental para a vida. Se nós colocássemos mais poesia na vida, e déssemos mais vida a poesia, não estaríamos exterminando a vida em nosso próprio planeta. Sem dúvida não estaríamos assistindo a chacina de menores, nem massacre Ianomâmi, extinção animal, devastação florestal... O agressor antes de tudo teria que enfrentar o seu próprio coração sensível a vida.

O poeta também é um sonhador, porque os sonhadores são arquitetos do paraíso. Ele deve cantar o corpo e a alma, ter os pés firmes no chão e a cabeça livre nas estrelas. Deve cultivar os seus sonhos como filhos de sua alma, na certeza de que eles serão as plantas de suas futuras realizações, como sussurrou o mentor de uma fraternidade de homens que buscam o sucesso.

A poesia está impregnada no ar, contida em todas as manifestações da natureza. Quando sintonizarmos a frequência colorida desta dimensão, entramos em contato com a beleza intrínseca.

O poema é a materialização da poesia, é seu corpo. A poesia é a essência do poema, é sua alma. Há várias categorias de poetas e poemas. Há poetas e poemas medíocres, alienados e despertos, todos criando e recriando de acordo com seu nível de consciência individual.

A expressão que a VIDA É UM GRANDE LIVRO ABERTO, eu não sei quem inventou, mas acredito que estamos escrevendo até por linhas tortas, acrescentando a nossa história universal.

As páginas atuais representam o presente, devem ser vividas integralmente, no aqui e agora está a chave do poder. Nas páginas anteriores está o acúmulo de nossas experiências, o passado. Nas páginas seguintes o amanhã, um momento que só será conhecido quando tornar-se hoje.

No livro da vida ou somos autores ou somos personagens. Quem é autor escreve seu próprio destino. Quem é personagem deixa se levar pela trama cultural, social, política e econômica apresentada no enredo.

Sejamos autores, vivamos a nossa odisseia e ilíada interior, fazendo da vida uma epopéia de luz, tão sagrada quanto a Bíblia, tão melodiosa e extensa quanto Os Lusíadas de Camões. Sejamos nesse Oceano Cósmico, a pequena gotinha que faz a diferença.

Renilson Pereira

CARTA AOS JOVENS

A juventude é o amanhã da vida.

Não é um capítulo separado

do restante da existência

nem é um prefácio de um livro.

É a premissa de tudo.

É a semente de onde brota tudo.

É o alicerce sobre o qual deve apoiar-se

o grande edifício da vida.

São vocês mesmos, jovens,

que estão preparando suas vidas

para o amanhã.

Se a meia-noite vocês olharem o nascente,

porque de lá virá a luz,

vocês olharão por muito tempo,

e poderão pensar que é inútil.

Mas se continuarem insistindo

e olharem uma segunda, uma terceira vez,

vocês irão divisar

um raio de luz na alvorada.

E todo o panorama circundante se iluminará.

Duas coisas foram necessárias:

a perseverança em olhar

e a existência da luz.

Para todas as grandes coisas

exigem-se lutas penosas

e um preço muito alto.

A única derrota da vida

é a fuga diante das dificuldades.

O homem que morre lutando é um vencedor...

Mauriac

O POETA DA ROÇA

Sou fio das mata, cantô da mão grossa,
Trabáio na roça, de inverno e de estio.
A minha chupana é tapada de barro,
Só fumo cigarro de páia de mío.

Sou poeta das brenha, não faço o papé
De argummenestré, ou errante cantô
Que veve vagando, com sua viola,
Cantando, pachola, à percura de amô.

Não tenho sabença, pois nunca estudei,
Apenas eu sei o meu nome assiná.
Meu pai, coitadinho! vivia sem cobre,
E o fio do pobre não pode estudá.

Meu verso rastêro, singelo e sem graça,
Não entra na praça, no rico salão,
Meu verso só entra no campo e na roça
Nas pobrepaioçaa, da serra ao sertão.

Só canto o buliço da vida apertada,
Da lida pesada, das roça e dos eito.
E às vezes, recordando a feliz mocidade,
Canto uma sodade que mora em meu peito.

Eu canto o cabôco com suas caçada,
Nas noite assombrada que tudo apavora,
Por dentro da mata, com tanta corage
Topando as visage chamada caipora.

Eu canto o vaquêro vestido de côro,
Brigando como o tôro no mato fechado,
Que pega na ponta do brabo novio,
Ganhando lugio do dono do gado.

Eu canto o mendigo de sujo farrapo,
Coberto de trapo e mochila na mão,
Que chora pedindo o socorro dos home,
E tomba de fome, sem casa e sem pão.

E assim, sem cobiça dos cofre luzente,
Eu vivo contente e feliz com a sorte,
Morando no campo, sem vê a cidade,
Cantando as verdade das coisa do Norte.

Patativa do Assaré.

MEU AVÔ, MEU ÍDOLO

Voar,

Ele voou

para outra imensidão

Porém,

ainda está,

No meu coração

Se tornou meu ídolo,

pelo jeito de ser,

E com ele,

sò tenho a aprender

Momentos,

São especiais

Quando se está com ele

Quero momentos a mais!

Tristeza...

Por ele ter partido.

E eu creio que ele está vivo em nosso meio

Amar...

Eu o amo,

Com razão

Por ele ter me amado tanto!

E por sempre me dar a mão!

Adeus,

Descanse em paz meu avô

Tenho orgulho de ser seu neto

Muita honra e muito amor

Fique com o pai celestial

Meu ídolo, meu avô.

Renê Neto.